

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



CANÇÕES
DA
DECADENCIA



POR

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



EDITORES

CARLOS PINTO & COMP., SUCOS.

PELOTAS, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA AMERICANA — 14189

1883—1887

Este livro foi escripto dos 15 aos 18 annos. E' o de um adolescente ébrio da conquista de sua liberdade intellectual, que, tendo conseguido desembaraçar-se das peias do Espiritualismo, exultava em uma alegria ruidosa e descomedida.

Quando, ha dois annos, eu reuni os manuscriptos que o compoem e que correram séca e meca, viajando — sem hyperbole — do Amazonas ao Prata, quiz da-lo a publico com um pseudonymo. Hoje, porem, que a critica acolheu tão benevolamente os *Peccados*, pareceu-me mais leal não recuar ante a justa responsabilidade do meu nome. A quem queira criticar-me é mistér o conhecimento d'aquelle livro para avaliar o que ficou e o que se perdeu dos elementos que existem n'este.

Uma cousa é bom notar: — não fiz nas poesias d'elle, impressas bem longe de minha vista, o mínimo retoque desde as incorrecções de Fôrma e de Ideia até o excesso de cantharidas...

Rio — Março de 89.

Medeiros e Albuquerque



INTROIBO AD...

Estes versos que ora rimo
são canções da Decadencia,
de uma idade de Sciencia
em que a Poesia sem vida
jaz perdida.

Não têm assumptos sublimes,
nem labores caprichosos
— pobres versos descuidosos,
sem vida, nem movimento,
sem talento...

Cantei o que andam cantando,
ha cem mil annos, os poetas
— pobres, estultos patetas

que andam buscando das formas
puras normas.

Ha nos meus versos arraucos
de um meigo lyrismo casto,
muito velho, muito gasto,
n'esta nossa fria idade
de Verdade.

Ha cantos (vejam que louca!
que pedantesca folia!)
de grave philosophia,
que nega n'um tom profundo
Deus e o Mundo..

Ha, porem — e isto é correcto —
contorsões da Femea nua
em que a Carne rija estua
em desesperos affeitos
pelos coitos...

Não gritem, não façam bulha
por causa d'estes meus versos.
Ve-los-eis breve dispersos,
no ar perdidos sem rumo,
como fumo..





DIALOGO DOS CONTINENTES

S'il existait pour moi, ce dieu, c'est un blasphème
Qu'à son trône j'enverrais . . .

Jean Richepin

Viajar! viajar! Traz-nos perfumes,
briza ligeira de remotas plagas . . .
Passam no ar os celeres cardumes
das aves soltas da amplidão nas vagas...

Vem commigo da noite nos negrumes
tu, que de sonhos a minh'alma alagas,
ó minha Musa, que na voz resumes
os doces cantos das marinhas fragas!

Vem! Nós iremos pelo mundo inteiro;
eu — dos invios caminhos forasteiro,
tu — dos meus passos o seguro guia.

Vem! Buscaremos pela Terra triste
onde nos povos o vestigio existe
do deus que os mundos da amplidão vigia.

AFRICA

Eis a Lybia gigante, a Lybia enorme,
onde a esphyngue silente ha sec'los dorme,
fitando a solidão...

Patria da tempestade, dos assombros..
Atlas sustem o céu sobre seus hombros
quando ruje o tufão...

Nos desertos sem fim de branca areia,
como serpe gigante, o Nilo ondeia,
espumando, a correr..

Quando o simoun dardeja o negro açoite,
vê-se nas sombras colossaes da noite
toda a terra tremer..

Vê, minha doce Musa, que tormentos
passam nas azas infernaes dos ventos,
cheios de extranha dor!
Vê que luta cruel, que doido aneio,
sempre a guerra fatal, sempre o receio,
sempre... sempre o terror!

E Deus? Acaso Deus do céu profundo,
— si Deus nas trevas dominando o mundo
sabe os trilhos do Bem —
porque não deixa, nas adustas plagas,
que do deserto nas estereis fragas
brotem flores também?

Mal o vento levara o som da minha fala,
vi surgir-me na frente uma visão gigante,
sem ter no corpo nu a mais pequena gala,
de prantos orvalhado o lybico semblante.

E, erguendo o seu olhar aos paramos infindos
dos docéis da amplidão azulados e lindos,
disse com voz fatal, com forte voz ardente:
— «De que deus falas tu? No deserto inclemente
sinto o passo sangrar nos areaes maninhos,
e, á noite, no soturno horror dos meus caminhos,
sinto o simoun silvar, cingindo os corpos magros
dos meus filhos que vão pelos desertos agros.

E, quando para os céos uma fronte se alteia,
cobre-a—que maldição! —amplo cendal de areia.

Caminha, viajor! Busca por toda a parte
Teu deus que eu nunca vi! Has de, porem, lembrar-te,
—si acaso o teu olhar o descobrir um dia—
que, si eu podera ver-lhe a figura sombria,
cuspira-lhe nas cans todas as maldições
que eu sinto borbulhar no peito em turbilhões.-

ASIA

Musa, sigamos. A Asia portentosa
desdobra a nossos pés, maravilhosa,
riquezas sem iguaes..

Vão levados nos lentos elephantes,
cobertos de thesouros e brilhantes,
os languidos rajahs...

Bellas, rapidas, lepidas, faceiras,
giram da dança as fortes bayadeiras
nos lubricos anneis..

E o carro colossal do idolo santo
vae mergulhando em sangue, em ais, em pranto
suas rodas crueis.

O pária miseravel, vagabundo
não encontra, passando pelo mundo,
 siquier amigo lar!
E'-lhe destino aos pés do altivo Brahma,
sobre as urzes da estrada, sobre a lama,
 como um cão, rastejar!

E Deus? Da curva azul do firmamento
Deus não escuta o soffredor lamento
 das tristes multidões?
Como outr'ora na India sobre as aguas,
porque não surge desfazendo as maguas,
 derramando os perdões?

«Eis-me p'ra responder-te!» uma visão formosa
disse na minha frente, erguendo-se chorosa.

«Sabes quem sou? Sou Asia, a esplendida sultana.
Das minas do meu solo em ondas espadana
a lucida caudal dos fulgidos brilhantes,
das gemmas de valor, das pedras scintillantes
que vivem no pulsar dos collos perfumados,
das mulheres gentis, dos fortes potentados.

Nas costas, onde o mar no quebro do rochedo
inspira ao navegante as sensações do medo,
desbrocham dos coraes as hastes melindrosas,
sob as ondas fataes, rispidas, marulhosas.

Mas, ai! não sabes tu quanto dorido pranto!
quanto anseio de dor! quanto gemido! quanto
foi preciso juntar para crystallizar-se
as gemmas que tu vês no solo procurar-se
para surgir á luz das deslumbrantes festas!
Não sabes no pavor das tempestades mestas,
cujo sinistro horror nem levemente sondas,
quanto sangue caiu sob as marinhas ondas
p'ra formar dos coraes os troncos delicados.

E, em meio da afflicção, das luctas, dos cuidados,
não sei quem é teu Deus. Sei que do azul espaço
ninguém soube descer p'ra me guiar o passo.

Mandei que a fronte audaz do impavido Hymalaia
mergulhasse no céu—qual rispida atalaia—
para ver si era lá que o teu Senhor morava,
si de lá pelo azul seu vulto se enxergava.
Da montanha senil sobre os robustos flancos
ha seculos sem fim, como cabellos brancos,
cae a neve, bordando as urzes das ladeiras,
e, comtudo, o gigante em furias altaneiras
nunca viu... nunca viu... o Deus de que tu falas!

Segue! caminha, pois... Cobre de luz, de galas
tua fronte gentil, pois que tu és meu filho,

que foi no solo meu que o primitivo brilho
o homem primeiro viu raiar-lhe sobre os olhos.

Vae... e, ou seja na luz, ou sobre vis abrolhos,
em vez do meu amor, em vez do meu perdão,
si vires o teu Deus, lança-lhe a maldição.»

OCEÂNIA

Vamos partir de novo. Vem commigo
sobre as vagas do mar buscar abrigo,
 buscar crença e prazer
da Oceânia nas ilhas numerosas,
espalhadas nas plagas rumorosas
 que as ondas vêm lamber.

Vê: são formadas de coraes mimosos
que andaram enlaçando caprichosos
 os seus ramos gentis,
para formar a uberrima morada
onde guerreia a tribu desgraçada
 dos selvagens hostis.

Como a fera cruel, ou como o abutre,
de mortos corpos o seu corpo nutre
 o incola feroz.

Vive como uma besta. Não escuta,
em meio do labor da eterna lucta,
da Humanidade a voz...

E Deus? Dizem que Deus é justo e brando,
que anda sobre o Universo derramando
o amor, o riso, a paz.
mas, quando eu vejo tanta magua junta,
em vão minh'alma para os céos pergunta:
«Deus, ó Deus, onde estás?»

«Não me fales de Deus! Segue teu longo trilhão,
busca n'outro lugar a vida, o amor, o brilho
das santas explosões da crença, da ventura.
Minha estrada sem fim é tenebrosa e escura.
Meus filhos no pavor das horridas florestas
andam luctando sempre em guerras tão funestas,
como as pelejas vis das bestas furiosas.
Nem eu posso contar-te as mil angustiosas
dores negras, crueis, que eu sinto no meu peito
bramirem no furor dum furacão desfeito.»

Assim falou-me em frente a meu olhar pasmado
uma triste visão; de lagrymas banhado
seu semblante gentil quedou-se num momento,
concentrando a scismar o forte pensamento
e depois explosiu:

«Ouve, escuta o que eu digo.
Tu tens no teu olhar a chamma que eu mendigo,
doce chamma do amor, da compaixão, da crença;
mas em mim, uma a uma, uma lufada immensa
arrancon-me do peito as flores da esperança.
Meu olhar para os céos hoje não mais se cança
a procurar o deus de que tu vens falar-me,
mas, si algum dia o vir, então hei de lembrar-me
que elle negou-me a paz, que me negou o amor
e hei de lançar-lhe á face as fezes do rancor!»

EUROPA

Prestes... prestes... fujaamos, minha Musa!
Em que remota solidão escusa
acharemos enfim,
entre celestes, matinaes caricias,
um mundo de ventura, de delicias,
de prazeres sem fim!

Eis Europa a rainha poderosa
que espraia a longa vista ambiciosa
dos mundos na extensão:
tem na fronte sem par mil diademas:
coroas, capiteis, estatuas, poemas
jazem-lhe aos pés no chão!

Mas entre os gosos, os festins, a lida,
corta os ares a supplica sentida
do proletario vil...

O operario a lutar trabalha exsangue,
o *urso regio da Russia* tinge em sangue
a alva neve gentil...

E Deus? Acaso Deus na curva etherea
não escuta dos gritos da miseria
a lastimosa voz?
e, ante o coro tremendo dos gemidos,
vae cerrando impassivel os ouvidos
ao desespero atroz?

«Ouve, louco que vaes pelo Universo a fora
a interrogar a noite, a interrogar a aurora;
que, á tarde, quando o sol cae por detraz dos montes,
andas a perguntar aos rubros horizontes,
às florestas senis, aos pampanos das vinhas,
á glauca vastidão das solidões marinhas,
a tudo quanto vês, ou scismas, ou presentes,
onde existe esse deus de formas imponentes
que tu quizeras ver a combater no mundo,
pelo anhelos do Bem, pelo anhelos profundo
da Justiça — essa deusa, implacavel, severa
que esmaga as pulsações do coração da fera
para fazer surgir o brilho da esperança;

onde desponta a luz sangrenta da vingança.
Ouve, louco. Esse Deus clemente de que falas
não calçou do meu solo as opulentas galas,
não metomou a mão p'ra me guiar nas rotas
em que eu sube bater, em pavidas derrotas,
os genios infernaes do escuro Retrocesso.

Fui eu, fui eu sómente, amante do Progresso,
quem, para levantar-lhe os fulgidos altares,
tive de derramar os copiosos mares
do sangue que serviu a cimentar o muro
da construcção audaz que o dedo do futuro
mostrará como sendo o heroico monumento
mais alto, mais viril do humano pensamento.

Não sei si existe Deus. Mas eu te affirmo e digo
que, si elle existe acaso, eu sem temor maldigo
seu nome, porque foi despota e sanguinario,
e, em meio do tremendo horror do meu calvario,
podia dar-me abrigo e me negou a mão!
Si o vir, hei de lançar-lhe a minha maldição!»

AMERICA

Vamos, Musa! Do espaço rumoroso
abre teu largo vôo caprichoso
na vastidão audaz.

A terra de Colombo em nossa frente
já nos desdobra a solidão virente
dos campos tropicaes.

Aqui — os filhos d'Albion trazidos
em pujantes anceios desmedidos
erguem o nobre altar,
onde, aos toques brilhantes da victoria,
vê-se o trabalho, a liberdade, a gloria
juntos a radiar.

Olha, porem, os indios desgraçados
como, na vastidão dos descampados,
vão correndo, a fugir!
como no sul o misero africano
ao fero açoite do *senhor* tyranno
vê-se no chão cair!

E Deus? Acaso Deus do azul espaço,
guia na Terra o assassino braço,
o braço do feitor?!

Sobre a veste fatal do missionario,
talha do indio o misero sudario,
o sudario de horror?!

Ouvi, quando no ar a minha voz irada,
cessara de bramar, sinistra gargalhada

repercutir no azul, onde um clarão brilhante vinha de despontar, vivido, scintillante.

E eu vi (crede-me vós!), eu vi distinctamente uma visão gigante apparecer-me em frente.

Era um colosso audaz:—mulher robusta e bella, das indias, sobre a fronte ardente de donzella, tinha o esbelto cocar de pennas marchetadas. Cingia da cintura as formas bem talhadas —despidas de pudor, despidas de roupagens — leve cinta gentil de vividas plumagens.

Riu-se a visão sem par, mostrou-me os horizontes, por cima da agudeza asperrima dos montes apontando na terra o sulco dos arados.

«Tu falaste de Deus—disse-me então. Baldados muitos seculos vão em que eu tambem erguia minhas mãos para o céu, sem que a curva sombria moderasse o rugir da infrene tempestade ou mostrasse de Deus a immensa magestade.

Quando eu surgi do mar, senti desabrocharem as florestas sem fim no azul a topetarem, nas ramas abrigando as aves peregrinas de plumagens gentis, bellas, formosas, finas.

Vi chegarem de longe as migrações das feras,
dos tigres a rugir, das onças, das pantheras,
dos bufalos chegando em tetricas manadas,
e dos homens enfim as multidões cerradas.

Depois surgiu a lucta, a lucta pavorosa
que os peitos accendeu em furia tenebrosa.

Ouvi falar de Deus. Ouvi falar... mas hoje
desse nome fatal meu pensamento foge,
como duma illusão sinistra, desvairada
que serviu p'ra perder meus passos pela estrada
soturna, pedregosa, esteril e terrivel,
onde senti ferir-se a doida lucta horrivel
dos meus filhos em guerra eterna e deshumana.

Arrojei p'r'ao azul a lava soberana
do Chimborazo ardente a crepitar sombrio,
que, de chammas soltando o flammejante rio,
nas noites tropicaes e magestosas arde.

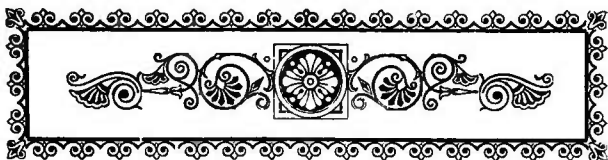
E o teu deus—si elle existe, estúpido e covarde,
já que não soube dar-me em troca a punição,
eu rojo-lhe na fronte a minha maldição.»

Assim, pois, minha musa, na terra
ninguem sabe de Deus os caminhos.
Tudo luta nas ancias da guerra.
Tudo soffre da dor os espinhos...

E, comtudo... e, comtudo, tementes
muitos sec'los passados correram;
muitos povos de férvidos crentes
só p'ra vel-o, luctando, morreram!

E' chegado o momento solemne
de rojal-o sem medo no chão!
Ha de ter por mortalha perenne
dura, negra, fatal maldição!





DO LIVRO DE LAURA

E' de manhã. Nos agrestes
arvoredos rociados
ha diamantes tombados
de azues escrinios celestes.

Vem commigo. Nós iremos,
pelos desertos caminhos,
unindo ao coro dos ninhos
os nossos beijos supremos.

Iremos pelas estradas
ao passar afugentando
o doce, o timido bando
das juritys delicadas.

A corolla fina e pura
dos alvos lyrios, formosa,
te pedirá, perfumosa,
da tua tez a brancura.

Hão de as abelhas, correndo
invejar meus labios finos
profundos filtros divinos
sobre teus labios colhendo.

E nós iremos sorrindo
pelo caminho virente,
sentindo em nós doidamente
fortes desejos surgindo.

Procuraremos um pouso,
no mais escuro da selva,
sobre o tapete da relva,
buscaremos o repouso.

Te despirei uma a uma
todas as roupas singellas:
surgirás do meio dellas
como uma estatua de espuma.

Então, deitada a meu lado,
de vãos adornos despida,

para cobrir-te, querida,
terás meu corpo abraçado.

Veremos si n'um apenas
fundem-se os corpos cingidos,
e rolaremos unidos
entre os tufos de açucenas.

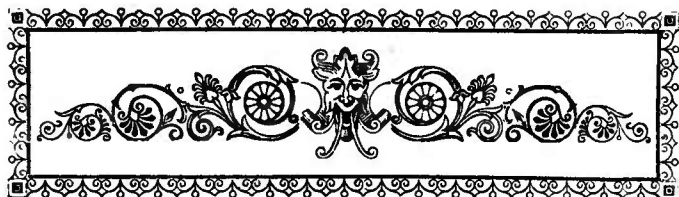
Os cervos — si os cervos virem
os nossos peitos ligados —
ao luar dos descampados
verás, fogosos, bramirem.

Os casaes de borboletas,
ao verem nossos delirios,
virão pousar sobre os lyrios,
batendo as azas inquietas.

E, quando, enfim, sem alentos,
nos levantarmos saudosos,
sentindo as ancias dos gosos
queimando os labios febreiros,

cada palhinha de relva
que nós houvermos calcado
lembrará nosso noivado
nas solitudes da selva...





DEUS

Eu não sei quem tu és. Sei que minh'alma,
nos céos librando o largo vôo ancioso,
jamais encontra do teu céu a calma,
— sombra illusoria de mentido goso.

E, si minh'aza mais e mais se espalma,
remontando no pego luminoso,
os mundos vejo que ninguem acalma
do Universo no giro portentoso.

Mas, si te busco, ó deus potente e forte,
elo que enlaças a existencia á morte,
fonte sublime que creaste tudo,

vejo a **Materia** as amplidões enchendo,
vejo a **Força** seu seio revolvendo,
e o **céo**, p'ra confessar-te, apenas mudo.





PHALENAS

As phalenas gentis, as delicadas
phalenas leves que na luz fenecem,
que, procurando a vida que carecem,
queimam as finas azas irisadas,

essas mimosas, candidas louquinhas
que doidamente pelo ar volteiam,
que, em torno do calor, borboleteiam,
junto das chammás rubras e damninhas,

essas—ao menos—sacudindo as azas,
a luz procuram de candentes gazas,
a luz que deve seu viver findar.

Essas buscam a morte...

Eu, todavia,
fujo-te e sinto que minh'alma fria
morre queimada no teu vivo olhar.





TRAZES-ME FLORES E SONHOS

Trazes-me flores e sonhos,
leves afagos risonhos,
doces caricias de amor;
queres saber as tormentas
fundas, enormes, cruentas,
que me roubam viço e cor.
Queres, meu anjo, que eu diga
que rude espinho me fere.
Dizes que ria, que espere,
que tenha visões de luz..

Ah! mas não sabes, creança,
que o norte que me conduz

não tem clarões de esperança.
Tem tufões—não tem bonança...
Tem maguas—não tem sorrisos...
Ah! tu não sabes, na treva,
o desalento que neva
do meu peito nos granizos!
Não sabes que quem me leva
pelas estradas da vida
—como pomba foragida,
que no futuro não pensa—
que o meu guia, minha estrellá
é o Archanjo da Descrença!

Dizes que apague os meus choros,
que busque virentes louros
da Gloria nos arreboes.
Eu sei que a Gloria é mentira,
sonho por quem se suspira,
que tem o brilho dos soes
e após, em fumo ligeiro,
como as miragens, expira.

Não! Eu não quero coroas..
Basta o riso feiticeiro
com que tu me galardoas..

Só elle pode ligeiro,
por um momento sómente,
me dissipar as tormentas
fundas, enormes, cruentas...





ESTATUA

Fa tenho muita vez a extranha pretensão
de me fundir em bronze e apparecer nas praças
para poder ouvir da voz das populaças
a sincera explosão;

Sentil-a quando, em festa, as grandes multidões
acclamam doidamente os fortes vencedores,
e, febris, pelo ar, espalham-se os clamores
das nobres ovações;

Sentil-a quando o sopro asperrimo da dor
nubla de escuro crepe o lugubre horizonte
e curva para o chão a entristecida fronte
do vulgo soffredor;

Poder sempre pairar solemnemente, em pé,
sobre as maguas crueis do miserando povo,
e ter sempre no rosto, eternamente novo,
uma expressão de fé;

E, quando emfim cahir do altivo pedestal
â sacrilega mão do barbaro estrangeiro,
meu braço descrever no gesto derradeiro
a maldição final.





GOSO E MAGUA

Sei que tu soffres muito... Sei que o pranto
quasi nos olhos teus borbulha ardente,
quando o corpo balouças tristemente,
no teu vendido e trivial encanto.

Sei que tu soffres muito.. Ha pouco ainda,
eras a pura, a candida donzella,
tinhas na branca fronte altiva e linda,
dos pudícos amores a capella.

Eras virgem. Passavas radiante,
cheia de sonhos castos e mimosos;
teus pensamentos iam, vaporosos,
sulcando o espaço em vôo triumphante.

Mas, ai! rolaste da lascivia impura
sobre o macio, o perfumado leito,
e o lyrio branco e fino da candura
tu deixaste pender, cahir desfeito.

Hoje, vendendo teus febris carinhos,
teus lascivos e lubricos amores,
desvendando os sublimes esplendores
do teu corpo de alvissimos arminhos,

hoje, mulher formosa, hoje tu sentes
a atrocissima angustia do remorso,
e, si os prantos represas, inclementes,
é com tremendo, com cruel esforço.

Mas que me importa que tu soffras tanto,
si eu quero o goso, si o prazer te pago?
Vamos! anima com fervente afago
do teu corpo mimoso o ardente encanto!

Sabes? Eu tambem soffro muitas vezes,
quando a alegria junto a mim palpita,
e do meu calix negro bebo as fezes,
sem que uma queixa nem sequer repita!

Eu soffro e vejo alegre em toda a parte
o sorriso de escarneo, de ironia,
e, em torno a mim, a turba tripudia,
sem que de me ferir, rindo, se farte.

Hoje eu quero gosar. . . O que me importa
que arde de magua teu formoso seio?
Nem que estivesses sobre o leito morta,
eu te cingira em desvairado anceio!

Quando junto de mim tudo é mentira,
quando é falso o sorriso da amizade,
e, em desanimo atroz na minha idade,
todo o meu sonho de porvir expira,

quando eu sinto cahir, rota, aos pedaços,
a torre de illusões que me abrigava,
e das virgens amadas nos regaços
a traição aninhar-se mesta e brava,

só resta da mulher a carne nua,
as convulsões das prostitutas loucas,
para impedir fatal em nossas boccas
a blasphemia feroz que explode e estua.

Resta o delirio infrene da luxuria
sobre os corpos despidos e formosos;
resta dos beijos a demente furia
nos estos da paixão, doidos, fogosos.

Vamos! eu quero mais febris e mornos
sentir teus braços sobre mim cruzados;
hirtos, ver os teus seios enrijados
destacando em teus lubricos contornos.

Quero fitar-te o olhar, insano, pasmo,
allucinado nas visões do goso.
e, no final, no derradeiro espasmo,
apertar-te convulso e vigoroso.

— Mas tu que fazes que me não abraças?!
— Embora soffras uma dor tremenda,
faz' que o sorriso no teu labio ascenda!
faz' que eu me esqueça minhas vis desgraças!





A NADINA BULICIOFF

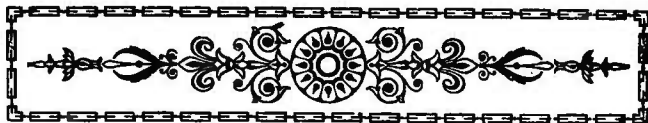
(EM UMA FESTA ABOLICIONISTA)

Pois que tu—genio das artes—
da Liberdade aos clarões,
teu nobre fogo repartes
sobre quebrados grilhões,
pois que teu canto sublime
do escravo afflicto redime
o soffrimento feroz,
—a ti, de envolta co'as palmas,
rojamos tambem as almas,
as almas de todos nós.

Colhe tu—si tu poderes—
quanta luz! quanta affeição!

dos cantos que tu desferes
se envolvem na suavidão.
E em vez dos negros espinhos,
que dos genios nos caminhos
costumam sempre apontar,
dos negros prantos das dores
que tu seccaste, hão de as flores
para cobril-os brotar!





LENDO UM POETA

Poetas, que me falais de desenganos,
de soffrimentos, de crueis ciumes,
almas cheias de maguas e tristezas,
de gelidos perfumes,

almas, que—como passaros sem ninho
vagando á toa no florir das veigas—
andais pedindo no bater das pennas
caricias meigas,

tomais nas mãos o coração sombrio,
o vosso triste coração que langue,
e andais por sobre as almas gottejando
as lagrimas de sangue.

Fibra por fibra disseccais, sorrindo,
nos vossos versos peregrinos, bellos
sonhos e beijos de visões de amores,
doce anhelos.

E eu que sentia meus ardentes labios
collados da Chimera sobre a bocca,
que me sentia ardendo de esperança
em febre insana e louca,

ai—como rôla de cortadas plumas,
como phalena de queimadas azas—
sinto a duvida negra que me prende
nas frias gazas.

Verei, acaso, desfazer-se, perfido,
o riso virginal de minha amada?
Subirá no calvario dos enganos
minh'alma desvairada?

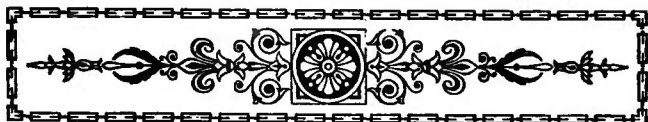
Musa dos prantos, musa da desgraça,
deixa-me! Eu quero adormecer, sonhando!
Deixa as doces chimeras me forrarem
o leito brando...

Deixa em taça de sonhos ebriar-se
meu pensamento que nos céos se libra!
e conservar as illusões risonhas
meu coração que vibra!

Que, pelas longas noites lutulentas,
banhe meu peito lugubre, sombrio,
das esperanças magicas do sonho
o ameno rio!

Depois?—Depois minh'alma scismadora,
si, em vez de ter as seducções supremas,
tiver os prantos dos enganos negros,
virá ler os teus poemas...





LUCIA

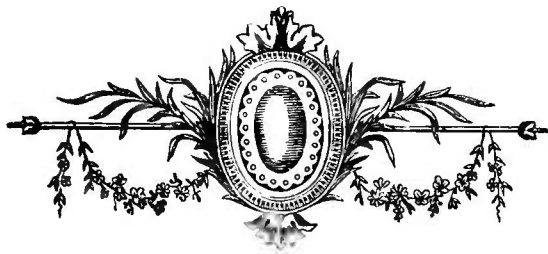
Flor, que nasceu em gothica ruina
sem que um raio de sol, vivo, a calente;
flor, que no calix virginal não sente
meigo afago da briza matutina,

n'essa cabeça pallida e franzina
quem te lançou dos sonhos a semente?
que magna fez verter-te o pranto ardente
que estiolou-te da vida a flor divina?

Porque, ás vezes, ó pomba immaculada,
n'uma vaga tristeza mergulhada,
nas devezas em flor scismas errante?

Que sonhas? que procuras? Teu olhar
acha talvez nos raios do luar
vaga lembrança de um paiz distante?





SÊDE

Et, sans savoir de quoi, j'aurai soif d'autre chose.
Jean Richépin

Nos jardins do Pensamento
si nós quizemos ter flores,
nós nos fizemos condores,
fomos buscal-as aos céos.
Um jardineiro imprudente
quiz deter o nosso passo:
— fizemos rolar no espaço
a sembra enorme de Deus!

**Hoje sim... A's fronte nobres
podemos dar a coroa**

sublime, que galardoa
da Humanidade os heroes.
E, sobre as folhas virentes,
em vez de gottas de orvalho,
poremos em cada galho
o brilho augusto dos soes.

Ao ver os calices rubros
de extranhos lyrios formosos,
os beija-flores mimosos
têm medo de os procurar.
Mas, quando, acaso, a tormenta
ruge solta no Infinito,
a aguia, dos ventos ao grito,
n'elles pouosa, a descançar!

E não nos basta! Si agora,
sobre orvalhados canteiros,
plantamos jardins inteiros
das flores que os deuses têm,
subindo... subindo sempre,
do firmamento nos rastros,
colhâmos nas mãos os astros
para domal-os tambem!

Por mensageiros tomemos,
curvados ao nosso mando,

o vivo, o lucido bando
dos cometas infernaes,
e — beduinos do espaço —
do céu parando na senda,
ergamos a nossa tenda
nas campinas sideraes!

Lá mesmo, porem, vós todos
sentireis em vosso peito
esse tormento desfeito
que anceia por mais subir...
Nossa victoria pujante
sobre Deus inda não basta
contra essa força que arrasta
nossas almas ao porvir.

Queremos d'outras victorias
sentir no peito os afagos,
queremos beber em tragos
outro triumpho maior!
Temos sêde de Infinito,
sêde que nunca descança,
sentindo sempre a esperança
de uma alvorada melhor!





CHLOROTICA

Tem a belleza branca e desmaiada
de uma vetusta e fina illuminura;
n'uma noite de gosos e ventura
ficaria sem forças, alquebrada.

Teme-se, ás vezes, apertar-lhe a breve
mão que se estende fina e vaporosa
e, no ardor da paixão voluptuosa,
quebrar-lhe o tronco delicado e leve.

Deve ser—do noivado sobre o leito—
como um phantasma feminino e branco.
Eu temeria ver, ao doce arranco
do goso, o corpo se sumir, desfeito...





AGNI

(HYMNO AO SOL)

Quando do mar sem fim nas vagas rumorosas
vae despertando a luz e as flechas luminosas
varam, pela amplidão do espaço illimitado,
a sombra que se esvae no paramo azulado,

a natureza esplendida,
como gentil amante,
se entrega palpitante
ao doce noivo — o Sol.
E, pelo espaço intermino,
pelas senis florestas,
que palpitam de festas!
que vido arrebol!

Sim! quando o brilho calido
de triumphal belleza
jorra na Natureza
sen lucido clarão,
no céu, no ar, nas arvores,
no palpar dos ninhos,
ha mundos de carinhos!
diluvios de affeição!

Tudo desperta vívido!
tudo sorrindo accorda!
e a vida, que transborda,
anima os corações.
Na flor, na pedra gelida,
passa a corrente immensa
da Força viva e intensa
que gira em turbilhões!

E, ó Sol —a ti que, lucido,
corres no espaço infindo,
—a ti que o brilho lindo
nos lança lá do céu,
—nós, sobre a Terra pávida,
devemos força e vida,
quando da luz querida
hasteias o trophéo.

Vê como o campo exanime
no horror dâ noite, escuro,
surge ridente e puro,
si, acaso, o vens beijar!
Como desperta rapida
a orchestra do trabalho!
A penna, a foice, o malho,
tudo se vê cantar!

De ti provem a magica
força que anima o braço
do lavrador que o passo
guia dos tardos bois.
Tu, pela India uberrima,
ó forte deus possante,
vencias triumphante
myriades de heroes!

E, hoje que o Homem sceptico
renega a velha crença,
a tua chamma intensa
nos prende, nos seduz!
A ti, ó facho rutilo,
a ti, a ti sómente
nós—sobre a terra algente—
devemos vida e luz!





PRIMAVERA

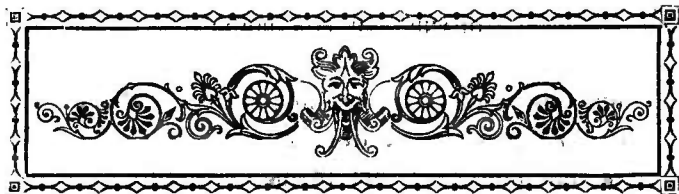
Passa toucada de gentis boninas,
cheia de rosas, de sorrisos cheia,
e, sob as plantas delicadas finas,
flores e rócios, a passar, semeia.

Surgem p'ra vel-a matinaes ondinas,
rugando a glauca solidão dos mares:
pedem-lhe beijos, seducções divinas
os lyrios, vendo-a deslizar nos ares.

Tudo tem vida, tem caricias meigas:
a flor altiva, como a flor das veigas.
As almas sentem-se inundar de amor...

Só tu não surges para dar-me afagos,
e, em vez do brilho de teus olhos magos,
lanças-me o inverno de sombrio horror!





QUANDO EU FOR DOIDO

Eu sinto que a Razão em mim, às vezes,
como um ebrio sem forças, cambaleia,
e, nas trevas da Insania, que tacteia,
busca e não acha a luz.

E minh'alma confrange-se tremente,
como creança lívida e assustada,
porque lhe falta a vastidão rasgada
dos amplos céos azues!

E eu vos quero pedir, a vós, carrascos
que heis de — quando chegar o triste dia —
querer me dar a lugubre enxovia
de um hospício qualquer,

que me deixeis, ao menos, n'esse transe,
a final, a suprema liberdade
de, em pleno sol, em plena claridade,
como um doido — morrer!





VIRGENS MORTAS

I

M. C. A. S.

Fu, que sou moço, que tenho
fulgor de auras na fronte,
que sonho largo horizonte
de venturas e de amor,
ai! quando vejo na tumba
cahirem mortas, prostradas,
florezinhas delicadas
de doce e candida cor;

ai! quando vejo pendido
se despencar no ataude

o lyrio da juventude
que vicejava gentil,
—não sinto a dor. sinto a raiva
contra essa negra potencia
que nos arrasta a existencia
da morte ao fundo covil.

Vermes da tumba, cantai-a!
Cantai a Morte, que leva
para os abysmos da treva
as alvoradas de luz!
E' p'ra vós, p'ra vós sómente
toda a luz, todo o universo,
tudo o que existe disperso
nos vastos plainos azues!

Esta, que desce sorrindo
agora ao tetrico abysmo,
tinha na fronte o baptismo
das auroras matinaes;
era uma virgem formosa,
cheia de amor, de bondade,
dos irmãos era a vaidade,
era a esperanza dos paes...

E é, pois, possível... é certo
que morreu? Morreu tão nova?!
Sentiu abrir-se uma cova
em vez de um thoro feliz?!
E é para isto que surgem
as meigas virgens formosas?!
Despontam ledas as rosas
para perder o matiz?!

Pobre moça! Si ella ao menos
tivesse tido venturas!
si os sonhos das noites puras
tivesse visto florir!
Mas cahir... cahir tremente
da morte ao gelido arranco,
como um lyrio casto e branco
tendo as folhas por abrir!

E' demais. Quem pode agora
dizer que estanquem-se os prantos,
para soltarmos em cantos
vivos louvores a Deus?!
Quem virá hoje dizer-nos
phrases banaes de esperança?
dizer que alegre descança
entre os anjinhos dos céos?

Era na vida... na vida
que nós quizeramos tel-a
—virgem casta, virgem bella,
cincta de luz, a brilhar...
Era na maga cadencia,
na cadencia das ardentes
walsas loucas, indolentes,
descuidosa, a perpassar...

Agora a nós que nos resta?
Rasgar dos versos as galas,
pompas mentidas de falas,
de falas de erudição...
E, pois que não ha no mundo
flor gentil que não succumba,
lançar tambem nessa tumba
nosso mudo coração.

II

Z. C.

Não venham cuspir a baba
de uma ironia sangrenta

sobre a face macilenta
desta formosa creança;
não venham falar agora
de um deus de amor e esperança!

Morrer. . . Morrer, quando a vida
desabrochava florida,
desabrochava risonha!
Morrer na idade sublime
em que a donzella, que sonha,
sonha delicias de amores!

Oh! não. Não venham falar-nos
do deus que lança nas flores
vida, perfumes e encantos...
Deixem as crenças mendazes...
Deixem os hymnos e cantos...

Si Deus houvesse,—os vorazes
vermes sinistros sómente
cantariam negramente
seus louvores, seus carinhos...

Morreu na idade em que as almas
são como tepidos ninhos,

abrigoando os passarinhos
das chimeras doidejantes.
Morreu... E eu lembro-me ainda
de a ver tão virgem! tão linda!
passar mimosa, brincando,
com finos risos galantes..

Calem as notas das preces
ao deus que os mundos domina,
deus que sem pena assassina
as doiradas, fulvas messes
das nossas crenças singelas...
Não lancem negros escarneos
sobre a campa das donzellas!

Ella adorava a cadencia
das magas walsas ardentes,
tinha n'alma a florescia
das chimeras innocentes...
Era formosa... Era virgem...
Doidejava na vertigem
do torvelinho da vida,
cercada toda de galas,
de doces mimos, de falas
de uma esperanza querida.

E dizem. dizem que existe
um deus, dos céos nas alturas,
que enxuga os prantos do triste,
que lança o riso e as venturas!
Não venham cuspir a baba
de uma ironia sangrenta
sobre a face macilenta
d'esta formosa creança!
Não venham falar agora
de um deus de paz e esperança!





NUNCA DEANTE DE MIM FICASTE NUA

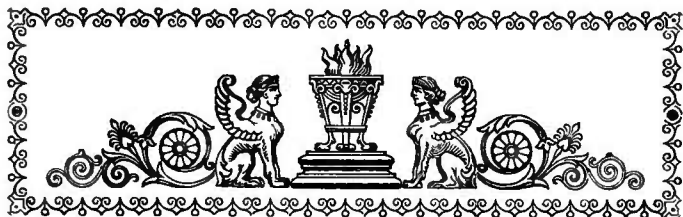
Nunca deante de mim ficaste nua,
nunca despiste as roupas e os adornos,
e eu conheço teus íntimos contornos,
todas as linhas da beleza tua.

Sei a dureza rígida e tremente
dos teus seios de neve tentadores;
sei do ninho dos lubricos amores
toda a lasciva perfeição nitente.

Si, pois, te vir, um dia, do noivado
no leito fino, e branco, e perfumado,
pedindo os gosos da final vertigem,

tantas vezes, em horas de deleite,
nos meus sonhos de amor eu apertei-te,
que já não podes para mim ser virgem!





GAMBETTA

..... salut, disais-je, ô frère
heroïque, superbe et divine vertu!
Jean Richopin

Morreste, como morre a nebulosa ardente,
que, si na trajectory enorme, incandescente,
rebenta pelos céos em vivida explosão,
parte-se em soes e soes, cujo esplendor brilhante
dos sec'los através perdura radiante,
no caminho sem fim da eterna evolução.

Assim, se é bem verdade, é certo que cahiste,
do teu vivo esplendor em nosso peito existe
a luz que gera a luz de mil constellações!
Partiste-te; — não mais. Si miramos o abysmo
em que afundiu-se a luz do teu Patriotismo,
brotam astros em nós de lucidos clarões.





OJOS CRIoulos

Olhos creoulos são olhos...
olhos negros, tentadores
que vêm lançar dos amores
noss'alma sobre os abrolhos.

Pharoes que surgem brilhantes,
errando o trilho dos nautas,
lançando as almas incautas
sobre parceis ululantes,

têm a vivaz claridade
da luz, da paz, da esperança;
promettem dar-nos bonança
p'ra nos dar a tempestade.

Sei d'uns que são assassinos,
que são ladrões aguerridos,
que mataram meus sentidos,
que me roubaram meus hymnos.

São negros, vivos, escuros,
dão claridade e são treva.
Por elles a alma se eleva
e cae em carceres duros.

Não sei si são mentirosos,
ou si me falam verdade,
sei que adoro a claridade
dos seus lumes caprichosos.

Envoi:

O' minha candida amante,
dona dos olhos fulgentes,
me mostra as sendas virentes
da ventura triumphante.

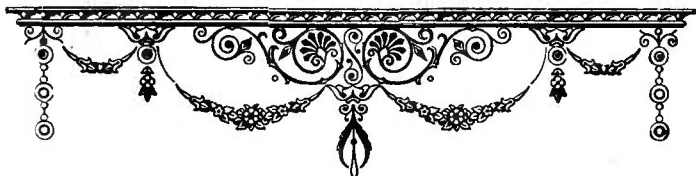
Podes então envolver-me
com seus celestes lampejos,
como eu farei com meus beijos
à tua fina epiderme.

Podes nos doces momentos,
de nosso mago repouso,
encher de luz nosso pouso
com seus clarões opulentos.

De noite, nos nossos rastros,
para fazermos idyllios,
darás dos olhos os brilhos,
supprindo assim o dos astros.

Si, poreu, tu, que eu adoro,
tens de deixar que eu succumba,
forra-me a lousa da tumba
com essa luz que eu te imploro!





OSORIO

Elle tinha no olhar a luz da Gloria,
montava no ginete da Victoria,
das luctas no fragor,
e a deusa das pelejas condemnada
seguia-o pelos campos, deslumbrada,
a supplicar-lhe amor:

Das batalhas fataes entre o tumulto,
quando elle erguia o magestoso vulto,
as boccas dos canhões
soltavam, da batalha nos embates,
entre os rugidos roucos dos combates,
gritos e saudações!

E as bandeiras, tremendo desfraldadas
dos ventos do Triumpho nas rajadas,
pareciam saudar
o destemido semi-deus da guerra,
que passava, luctando, sobre a terra
as hostes a calcar.

Era o titan soberbo da peleja..
Quando o furor das luctas esbraveja,
quando retine audaz,
erguia, altivo e forte, o largo peito
e tombavam-lhe aos pés—singelo preto—
as metralhas fataes!

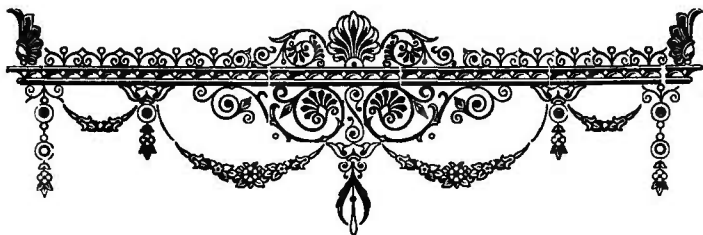
A's vezes a Victoria, descuidosa,
de bandeira em bandeira, duvidosa,
não sabia escolher.
Mas elle via perpassar distante
seu paiz humilhado e agonizante
e a fazia deter.

Morreu... Cincto de louros luminosos,
nos estandartes nossos gloriosos
envolvido rolou.

Patria, — mulher formosa, americana —
diz'-lhe que sua gloria soberana
dentro de nós ficou.

De geração em geração passando,
nós iremos seu nome venerando
repetindo ao porvir...
No coração dos novos luctadores
nunca seus verdes louros vencedores
hão de, murchos, cahir!





SERENATA

A noite é serena. Mil barcas deslisam
do rio no azul,
e o calix mimoso balouça das flores
a briza do sul.

Entre os clarões do infinito,
incertos, tremulos, baços,
descerra a lua a corolla,
magnolia dos espaços.

Não corre nos ares sequer uma nuvem,
a calma da noite de leve toldando;
nas vagas do espaço, tremendo, as estrellas,
do mar sobre as vagas se espelham brilhando.

Veneza dorme. O castello,
junto da margem do rio,
projecta a sombra nas aguas,
negro, tristonho, sombrio.

Rema nas aguas, passando,
preguiçoso gondoleiro.
Ouvi-lhe as notas perdidas
do seu cantar feiticeiro:

«Vem! Fugamos aos gosos da terra,
«juntos vamos do mar á amplidão,
«vem sondar quantos gosos encerra
«a voragem do meu coração.

«Vem! Das ondas o pavido aneio
«faz meu barco ligeiro tremer;
«tal minh'alma, boiando em teu seio,
«dá que possa perdida tremer.

«Vem! Juntemos do mar á ardentia
«a ardentia profunda do olhar;
«vê que os astros, co'a luz fugidia,
«vêm no dorso das aguas brincar.

«Vem, que a lua já desmaia,
«resvalando no occidente,
«e que minh'alma delira
«louca, perdida, fremente.

«Vem, que meu labio sedento,
«como secco, esteril galho,
«quer sorver sobre teus labios,
«do amor o candido orvalho.

«Vem. A treva cobre a terra
«com seus espessos novellos,
«e eu quero dormir coberto
«co'a treva dos teus cabellos.»

II

Calou-se, após, o canto e, ao murmurar do rio
em magicos anceios,
o palpar dos seios
ouveu-se entrecortado em doce murmurio.

III

Boia o barco ao sabor da murmura corrente,
e vae tingindo os céos, pallida, a luz da aurora;

dulcissimo se eleva um cantico tremente,
e, erguendo o enorme dorso, o mar, convulso, chora.

Não mais do gondoleiro os magicos harpejos
virão quebrar da noite a placidez calada!
Fugiram. Nunca mais a musica dos beijos
a briza levará na doida revoadada.

Pallido sol da noite, a lua pelo espaço,
com seu rócio de luz, que a terra envolve e banha,
não mais virá beijar o candido regaço
da branca apparição, alva, formosa, extranha.

Lisboa





Ó DEUS! HA MILHÕES DE ANOS QUE SEGUIMOS

P Deus! ha milhões de annos que seguimos
nossas invias e lugubres estradas,
que as deixamos de sangue maculadas,
de sangue, que dos flancos esparzimos.

Ora tristes choramos, ora rimos,
e, ou vemos resurgirem consagradas,
ou pelo chão, sem pena, desprezadas,
crenças que ao peito fortemente unimos.

E, caminhando, caminhando avante,
cada dia noss'alma vacillante
de novo busca teus antigos rastros.

Deus, onde existe teu celeste porto?
— E ouvi, no coro sideral dos astros,
vozes dizerem: — «O teu deus é morto...»





DO LIVRO DE LAURA

F's a mulher de fogo, a insaciavel
mulher lasciva e ardente de Belot;
nunca teu bello corpo inimitavel
dos prazeres do amor se fatigou.

Tens a mimosa seducção felina
de uma pequena fera enganadora,
a compleição nevrotica e franzina
de romantica virgem scismadora.

Mas, quando os beijos meus vão te aquecendo
a perfumosa cutis setinal,
e, em teu olhar negrissimo, accendendo
das volupias a febre sensual,

então tu sabes, ó criança louca!
no ardor inextinguível dos desejos,
collando a tua sobre a minha bocca,
sugar-me a vida nos fogosos beijos.

Tremes. apertas o meu fragil peito
contra teu corpo — sensual vulcão,
e agitas-te nervosa sobre o leito,
em compassada e forte ondulação.

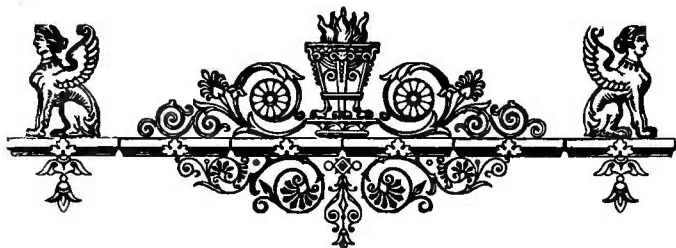
Vestes teu fino corpo das essencias
que nos teus seios tumidos palpitam,
que inspiram-te as hystericas ardencias
dos delirios sem fim que nos excitam.

Cruzas por sobre mim as tuas pernas
cheias de immenso, de febril vigor,
e, do teu doce olhar nas chammas ternas,
boiam pedidos supplices de amor.

E's a mais sensual de entre as mulheres,
quando te lanças no colchão de pennas;
nem um momento de repouso queres!
nem um momento de descanso apenas!

E, doidamente, tu me vaes sugando
da mocidade o flammejar vivaz..
Seja! Que importa?—Morrerei gosando
sobre teus duros peitos sensuaes...





REVOLTA

Hommes, relevez-vous ! Les prêtres ont menti.

Jean Richepin

Já que tudo pelo mundo
quer, ascendendo ao espaço,
ir procurar no regaço
do infinito descansar,
e que a fronte hoje dos homens,
da treva rasgando as gazas
ao condor arranca as azas
p'ra o céu poder demandar;

já que o mar no leito enorme,
erguendo escuros lamentos,
do Universo aos quatro ventos
proclama a revolução,

e os craneos á luz abertos
dos profundos pensadores
sentem dum mar de fulgores
invadi-los o clarão;

já que basta p'ra fundir-se
de Prometheu a cadeia
a luz divina da Ideia
jorrando em claro arrebol,
e que o Genio—outr'ora escravo
do fradesco despotismo—
levanta o vôo do abysmo,
brilhando mais do que o sol;

já que as ideias se expandem
voando pelo universo,
como um cardume disperso
de borboletas azues,
e que a supplica de Goethe
cahindo no mundo agora
as fronteiras todas irrorra
em catadupas de luz;

—da Razão p'ra nossos hombros,
que estremecem palpitantes,
as grandes azas gigantes,
súpplices, vamos pedir,

e então, achando vazios
os infinitos espaços,
façamos que, em estilhaços,
vejam-se os deuses cahir.

Sim! é preciso que um dia
nós entre as mãos os tomemos,
é preciso que apaguemos
esses phantasmas banaes
e do carro da Sciencia,
p'ra que passem a esmaga-los,
nós havemos de ir lança-los
sob as rodas triumphaes.

E, si é certo que, curvada
ao jugo da consciencia,
quer a humana intelligencia
sempre um deus p'ra sua fé,
—verá, sondando o futuro,
das trevas do Retrocesso,
erguer-se o altar do Progresso
e nelle a Razão de pé!





PASSANDO...

Por entre a louca multidão ruidosa,
que a seus pés se agitava doidamente,
erguia a calma fronte magestosa
a altiva estatua do guerreiro ingente.
Um dia veio a guerra... Impia, sacrilega,
mão estrangeira n'um furor infando
fe-la rolar partida, enquanto as turbas
riam, passando.

O ipê robusto sacudia os galhos,
onde cantava a musica dos ninhos;
dos céos bebia os matinaes orvalhos
ensombrando as alfombras dos caminhos.

Um lenhador chegou. Os ramos da arvore
cahiram todos a seu forte mando...
Hoje no chão deserto as feras rudes
seguem, passando.

Tudo passa no Mundo, no Universo..
Tudo segue seu rumo inevitavel.
No mar, na terra, na amplidão, disperso,
nada perdura eternamente estavel.
Prantos de dor, invocações ou supplicas,
quem pode desviar a Sorte quando.
quando a roda fatal nos toma e leva,
leve, passando!

Não! Ninguém nos detem... Labios de virgem,
sonhos nobres de louros e de gloria
nada detem na intermina vertigem
o turbilhão da vida transitoria.
O' crianças que amais! ó almas candidas,
que acreditaiz no affecto amigo e brando,
não busqueis illusões.. O amor mais forte
morre, passando.





CARMEN

Où passent, en chantant, des rêves de baisers.

Jean Richepin

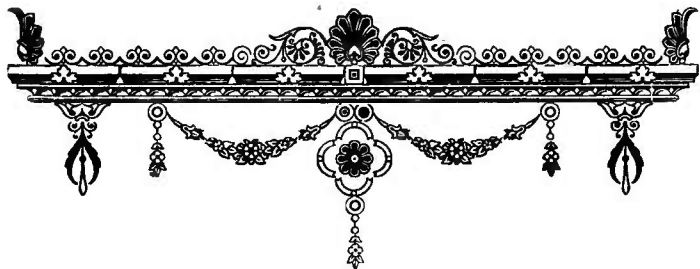
Que deus te argamassou n'uma argilla divina,
ó mulher, que és da Forma a incarnaçãõ radiosa,
mulher, de cujo olhar na chamma peregrina
queimas as azas da alma a doidejar anciosa?!

Que deus, que deus cruel, ó mulher assassina,
deu-te essa seducçãõ sublime e victoriosa,
para nos dar a nós a tantálica sina
de não poder cingir-te a carne perfumosa?!

Tu resumes o Aroma, a Luz, a Forma, o Encanto,
tudo quanto ha de bom, tudo quanto ha de santo,
tudo que para o céu pode nos elevar!

E eu no teu corpo excelso, ó diva triumpante,
sinto a vibrabilidade estranha e provocante
da volupia sublime, esplendida, a cantar...





CREPUSCULO

Quando o sol avermelhado
d'agua immerge na planura,
e precede a noite obscura
o crepusc'lo avermelhado,

paira um clarão desmaiado
luctando co'a sombra escura
que desce da curvatura
do firmamento azulado.

Assim, dentro em mim, da Crença
resta um clarão quasi frio,
que inda combate a Descrença,

e, nas ancias d'esta luta,
— qual crepusculo sombrio,
hoje a Duvida me enlucta... .





AO ASSASSINO DE ALEXANDRE II

Bem dita seja tua mão sublime,
tu que mataste o despota arrogante!
Em vez da negra pollução do crime,
cinja-te auréola de fulgor radiante!

Bem dito aquelle que levanta o ferro
contra o tyranno de valente povo!
Embora em sangue se desfaça o erro,
firme-se o brilho do principio novo.

Deusa sublime, Liberdade santa,
que as tyrannias a passar esmagas,
toma essa fronte! para a luz levanta-a!
roja-a da Gloria nas eternas vagas!

Bemdito sejas! Pela terra inteira
ruge o estampido da medonha bomba,
mas dos espaços na cerulea esteira
coro d'applausos, triumphal, ribomba...

Morre. Que importa no furor dos ventos
que tuas cinzas pelo ar derramem?!
Gemem convulsos, funeraes lamentos...
Negros queixumes, vingadores, bramem...

Bemdito sejas! Das soidões escuras
faz' que teus nobres companheiros fortes
de novo as armas das pelejas duras
preparem, rudes, para novas mortes!





QUANDO MEUS OLHOS DESPEM, PENETRANTES

Quando meus olhos despem, penetrantes,
um corpo de mulher, magro e doentio,
e analysam-lhe as formas vacillantes,
o seio murcho e frio,

sonho-o deitado sobre um fofo leito,
como um phantasma aereo, descarnado,
e sinto me invadir o ardente peito
calafrio gelado.

Aquelles ossos duros, mal contidos
na rugosa, franzida e secca pelle,
todo o meu corpo, em ascos insoffridos,
enojado, repelle.

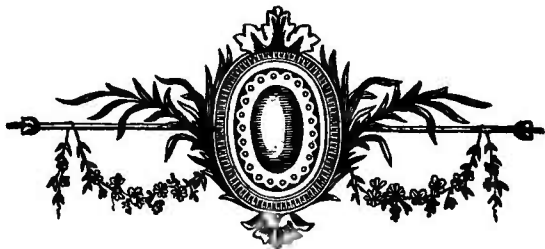
E eu penso que, na fúria dos abraços,
quando o sangue é de lava derretida,
pode ficar quebrado em nossos braços,
exanime, sem vida.

Não; eu só tenho os nobres entusiasmos
para as formas robustas e potentes;
nellas eu sinto meus viris orgasmos,
fortes, valentes...

A carne encontra a carne em que se estreite,
os seios duros que de goso fremem,
e, no momento heroico do deleite,
juntos, os corpos tremem...

Essas que passam, pois, sem movimento,
que não servem ao leito dos prazeres
e que não têm vigor, nem têm alento
—essas... não são mulheres!





MORTA

Nubla-se ao longe no horizonte escuro.

A. Feijó

Astro, que um dia pelos céos brilhando
com viva luz, no firmamento puro,
nubla-se ao longe no horizonte escuro,
si passam nevoas a amplidão toldando;

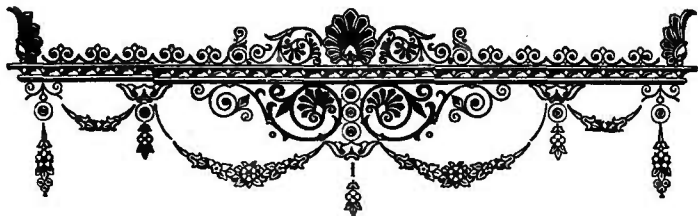
flor, a que o sopro dos tufões, tão duro,
barbaro, inclina pelo hastil vergando
e tomba murcha, quando o sol baixando
nubla-se ao longe no horizonte escuro;

branca, esmaiada, peregrina rosa,
meiga pendeste, virginal, formosa,
da estreita cova sobre o leito impuro;

e hoje contigo na fatal voragem
do meu amor a derradeira imagem
nubla-se ao longe no horizonte escuro.

Lisboa — 1884.





21 DE MARÇO

Tu sabes minha amada... eu bem quizera ser, como os gelos da Siberia, frio; trocar a luz vivaz da primavera pelos desdens do coração sombrio...

Ser D. Juan derramando sem receio as seducções ardentes e fataes, lançar das virgens no mimoso seio todas as loucas affeições mortaes...

Ser Aretino, o lubrico devasso, gastando a vida nas orgias vis, das donzellas formosas no regaço deixar a mancha das paixões febris...

Quizera ser assim... Ter um sorriso,
um gesto de desprezo zombador,
para mofar do casto paraíso
das impollutas seducções do amor.

E, quando, a uma e uma, friamente
da alma arranquei as doces afeições,
quando lançara no sepulchro algente
todas as velhas, infantis paixões;

quando risquei a Deus — a Deus que outr'ora
illuminara minha vida audaz;
quando julguei que despontava a aurora
da minha antiga aspiração tenaz;

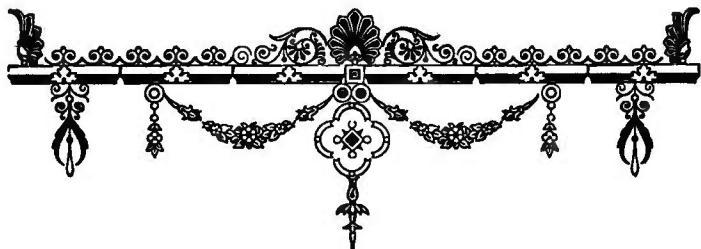
tu me surgiste — perfida tyranna —
me lançaste a algema da paixão,
ergueste tua fronte soberana
no meu escravo e manso coração.

Tu disseste sorrindo: — E's meu captivo! —
e, captivo, a teus pés eu me rojei:
do teu olhar ao lume doce e vivo,
sem vigor, sem alento, me curvei.

Venceste, pois, o coração revoltado,
o coração do luctador viril,
que hoje, em teus mimos de belleza envolto,
supplice, pede teu olhar gentil.

Por isso eu hoje, como doce preito,
como homenagem de sincero amor,
venho trazer-te do meu joven peito
todos os sonhos do porvir em flor.





FUGITIVAS...

«Fica!» dizia o calice da rosa
à transparente perola de orvalho;
«fica!»—dizia no esquecido galho
o ninho à lépida andorinha airosa.

E a delicada, a crystallina perola
e a ave formosa pelo ar macio
partiram: — uma procurando o estio,
outra do espaço para a umbela cerula.

«Fica!» supplico à candida miragem,
à tua meiga, virginal imagem,
que vem meus sonhos inundar de amor.

E a doce e magica illusão brilhante
parte na nevoa matutina, errante,
das alvoradas ao vivaz fulgor...





A UM REI MORTO

Morreste. No lençol da morte regelada,
onde o destino emfim teus restos envolveu,
costuma haver a paz, a sombra ignorada
para quem, como tu, às solidões desceu.

Morreste. No sepulchro, a gelida guarita,
mora a sombra, o silencio, a lugubre friez.
E' navio sem luz que o mar já não agita,
onde não vem ninguém ao pávido convez.

Morreste. Muito bem. Mas sentirás agora,
em vez da solidão que a morte fria dá,
raiar no teu cendal a purpurina aurora
do Remorso cruel — torva, funesta e má.

Ouvirás no sepulchro as roucas elegias
dos que mandaste á morte, aos ferros, ás prisões.
Como um coro fatal de tredas agonias,
sentirás sobre ti choverem maldições.

Cada verme, ao roer lento, cadenciado,
será como um remorso impávido, feroz,
e, viscosos, roçando o craneo condemnado,
para te maldizer levantarão a voz.

Não! fora muito pouco, uma irrisão tremenda,
si tivesses na campa a inconsciencia... a paz!
Ser bandido e ladrão da vida pela senda
e transpor do sepulchro os mudos penetraes!

Covarde! tu julgaste aos olhos esconder-te
do Futuro, que tem as punições crueis!
Julgaste que bastava apenas envolver-te
nas pregas do sudario, immoveis e fieis!

Não, bandido! Roubaste um generoso povo,
encarneceste o brio, escarneceste a fé...
Das sombras do sepulchro has de surgir de novo!
Perante o tribunal, has de surgir, de pé!

**Não, camasca! Mataste. Em vis carnificinas
tu mergulhaste as mãos despoticas de rei.
Mataste! Has de sentir as coleras divinas
dos que sacrificaste, em vingadora grey!**

**Sabes o que é matar? matar peitos ardentes,
cheios das explosões esplendidas da luz?
matar moços viris, almas incandescentes,
onde a Chimera abria as petalas azues?**

**E' condemnar á treva a santa claridade
da justiça, dos soes, das seduções do Bem;
zombar sem pandonor, zombar da Humanidade,
mater que seu olhar de luz banhado tem.**

**Esses que tu mandaste ás mortes, ao degredo,
tinham noivas e mães e filhinhas gentis.
Has de sentir no esquife, a tiritar de medo,
as maldições das mães, os prantos infantis!**

**Si alguém te arremessasse á negra sepultura
e um cypreste plantasse acaso sobre ti,
a arvore tombaria em uma noite escura,
sentindo, ao te roçar, a maldição em si.**

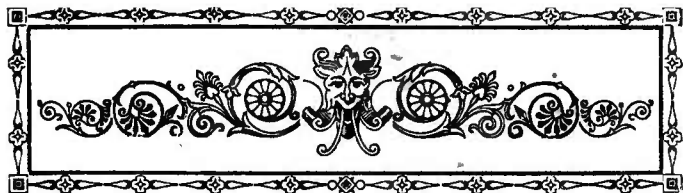
Podem, nas cathedraes, as cathedraes de Hespanha,
da velha inquisição, dos despotas sombrios,
lançarem sobre ti com profusão extranha
das benções e orações os caudalosos rios,

nada te livrará da merecida gloria,
— rei dos sicarios vis, dos perfidos ladrões! —
collado ao pelourinho impávido da Historia,
teu nome maldirão as novas gerações.

E, si acaso de noite, em uma noite fria,
quando os ventos fataes ululam como cães
e tu sentes, no horror da solidão sombria,
pesarem sobre ti as maldições das mães,

alguem, alguma actriz, algum ladrão amigo,
quizer te visitar na tetrica mansão,
o corvo que pousar no teu feral jazigo
dirá sinistro e mau: — A mim, a podridão!





SOMBRAS

E' tarde. Passa alguém nas sombras da campina...
a rajada do vento as arvores inclina,
a nevoa estende o véo..
E' a hora da calma, a hora do repouso...
Um servo somnolento accende vagaroso
as lampadas do céu...

Através da neblina, incerta, desmaiada
desliza uma figura enorme, agigantada;
na dubia escuridão
tem o immenso perfil a fluctuar enorme...
Perpassa colossal, phantastica, disforme:
—sinistra apparição!

Um caçador audaz, sem medo, sem receio,
apontou friamente... A bala deu em-cheio
no sinistro animal.

A visão, que na nevoa as linhas aumentara,
que ás almas sem vigor nas sombras assustara,
era um cão trivial!

Uma figura assim, na nevoa da ignorancia
dos povos, perpassou na prolongada infancia,
da penumbra nos véos.

Quando cahiu emfim... era singelamente
humana apparição a deslizar, silente,
e que julgavam Deus..





HYPOCRITA

Nua—tu tens as seducções da carne,
as maravilhas raras da escultura;
não ha goso ou prazer que não se encarne
do teu corpo na seiva ardente e impura.

Vestida—tens um poema de brilhantes,
de labores de seda perfumada;
nos profundos olhares scintillantes
a altivez da nobreza immaculada.

Nua—tu me suffocas doidamente
contra teu seio lubrico, fremente,
nas convulsões dos gosos sensuaes..

Vestida—queres cultos e respeito,
queres que eu finja te sagrar um preito...
—E eis a casta rainha das vestaes!





A AGUIA

(Para servir de complemento á *L'épopée du ver*, de Victor Hugo)

Vous pouvez relever votre front consterné
Et regarder ces grands cadavres, face à face.

Jean Richepin

Yi baixar da amplidão do paramo profundo
uma aguia segurando um gigantesco verme
e não pude deixar, pasmado, de deter-me
p'ra saber onde achara esse despojo immundo.

A aguia me respondeu, volvendo o olhar afflicto,
onde pairava a sombra immensa do Terror,
que vinha do fatal e gelido negror
das noites sepulchraes dos campos do infinito.

«... Sobre o corpo de Deus, exposto e corrompido,
do Nada na mudez da lugubre carneira,
pastava lentamente, em furia carniceira,
este verme tenaz que eu trouxe suspenso...»





FIAT LUX!

(EM UMA FESTA LITTERARIA)

Moços, quem passa na Terra,
da vida no turbilhão,
traz um emblema de guerra
gravado no coração.
Ha doidas luctas ferozes,
rugir sinistro de vozes
que vae passando no ar..
Cada qual na lucta ardente
toma o estândarte fremente
vae nos combates lutar...

Ergamos nossa bandeira,
nossa bandeira de luz!

Ha de a Victoria, certa,ira,
pousar nas dobras azues..
Quando o sopro das ideias,
— sopro que quebra cadeias,
que despedaça grilhões —
passar nitrindo nos campos,
— das glorias entre os relampos
vereis os nossos pendões!

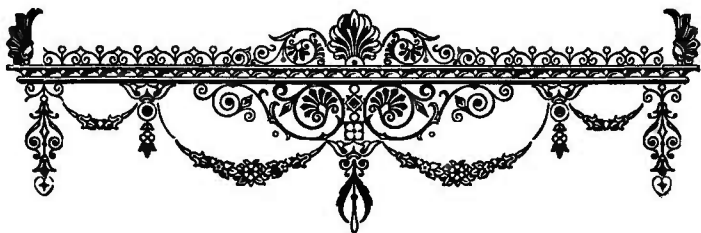
Bandeira augusta e sublime,
tincta de luz e de soes!
espanca as sombras do Crime,
do Porvir nos arreboes!
Bandeira augusta. Por lemma
tem a divisa suprema
tem a divisa: — *Instrucção!*
Instrucção! verbo bemdito,
que reboa, como um grito,
como um grito de perdão!

Instruir é dar ás frentes
os baptismos do fulgor...
Despejar nos horizontes
as alvoradas do amor.
Cada cabeça pensante
é sementeira gigante

das colheitas do Porvir.
Que lavrador no futuro
pode dizer-nos, seguro,
que fructos hão de surgir?

Na fronte loura dos loures
meninos, meigos, gentis,
dormem às vezes thesouros
cheios de brilhos subtis.
Dai a instrucção, que o rebento
do seu formoso talento,
como um astro, surgirá.
Sim; sobre um berço curvado,
quem pode dizer, ousado,
que novo genio virá?

Somos moços. temos sonhos
de immensa e nobre ambição,
em nossos dias risonhos
brilha da Esp'rança o clarão...
Somos moços... A's mãos cheias
lancemos germens de ideias,
fortes germens de Saber!
Somos moços. Luctaremos!
Da lucta aos clarões supremos,
nós havemos de vencer!



FORGET ME NOT

Não te esqueças de mim! Não te esqueças,
quer tu sintas sorrir a ventura,
quer em prantos acerbos padeças
da Desgraça na negra tortura!

Não te esqueças de mim! Na minh'alma
brilha sempre o retrato da tua,
como brilha de um lago na calma
a serena belleza da lua.

Não te esqueças de mim! Si na vida
me faltasse teu nome um momento,
da saudade na lucta renhida
quem me dera esperanças, alento?

Não te esqueças de mim! E' contigo
que minh'alma sonhando se deita.
E' teu nome que dá-me um abrigo
quando sinto a tormenta desfeita.

Não te esqueças de mim! E's a crença
que no peito sómente levanto...
E' em ti que minh'alma só pensa...
E's meu sol! meu amor! meu encanto!





PERFUMES

Quando sinto um perfume ardente e delicado
envolver-me e embalar meu cerebro demente,
deixo livre no azul o pensamento alado
cavalgar da Ilusão o corcel reluzente,
quando sinto um perfume ardente e delicado.

Artistas, que buscais as doces harmonias
para pensar então nos sonhos do Futuro,
o Perfume contem affectos e utopias,
dissipa em nossa frente o desalento escuro,
artistas, que buscais as doces harmonias.

Pode a Música ter sonhos intraduzíveis,
levar noss'alma aos céos, á região sideria...
Mas o Perfume junta auncias indefiníveis

aos gosos ideaes, os gosos da materia!
Pode a Musica ter sonhos intraduziveis...

Quando o labio se colla ao labio d'ua amante
e os corpos, em volupia, estreitam-se enlaçados,
dos seus seios gentis, da bocca palpitante
que murmura baixinho uns ais entrecortados,
quando o labio se colla ao labio d'ua amante,

para perder de amor noss'alma scismadora,
sobem perfumes bons, alentos deliciosos,
e o corpo, que estremece em ancia seductora,
esvae-se, desprendendo aromas capitosos,
para perder de amor noss'alma scismadora.

Ao sentirdes passar uma mulher formosa,
cheio de extranho ardor o seu olhar profundo,
— beijai-a! e vós vereis que essencia gloriosa
de volupias febris vem revelar um mundo,
ao sentirdes passar uma mulher formosa.

Que poesia melhor?! que cantico mais bello
que o perfume que sae d'um corpo feminino,
quando desnasta e solta as ondas de cabello
por sobre as seducções do collo alabastrino?!
Que poesia melhor?! que cantico mais bello?!



DO LIVRO DE LAURA

Vós adorais os corpos delicados
das donzellas franzinas que descoram
e que, ao primeiro abraço, tremem, choram
e agitam-se em soluços abafados.

Vós gostais de arrancar por entre prantos
a capella da nivea castidade,
que ensanguentais, crueis, sem piedade
n'esses corpos gentis, cheios de encantos.

Tendes razão. O pudibundo enleio
dos primeiros e timidos amores
tem attractivos meigos, tentadores,
que só se exalam n'esse mago aneio.

Tendes razão. A vossa phantasia
quer dos corpos em flor ter as primicias.
Eu, porem, antes quero as mil delicias,
Laura, com que teu corpo me extasia.

Eu amo as carnes sabias, que conhecem
os requintes dos gosos enervantes,
que em nossos mornos braços palpitantes
em deliquios lascivos estremecem.

Gosto dos beijos lubricos, que, lentos,
sobre nossa epiderme perpassando,
um rasto de volupias vão deixando,
de desejos sublimes e febreiros.

Todo esse corpo que se agita e treme
na compassada ondulação do estoso
prazer, e em febre, com vigor, nervoso,
entre desmaios languorosos geme;

esse conhece da luxuria ardente
os mil segredos que ninguem exprime,
a arte ineffavel da paixão sublime,
que nos arreouba o coração fremente.

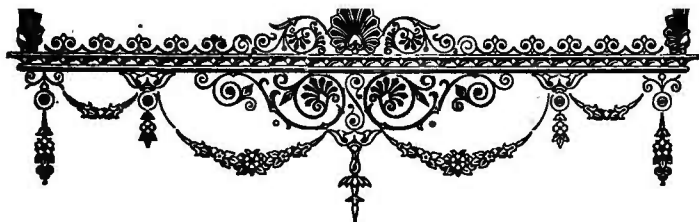
Seus finos braços torneados, brancos,
passam sedosos sobre o nosso dorso,
e o ventre morno, no amoroso esforço,
treme em pausados, em febris arrancos...

Hirtos, os seios nos comprimem quentes
em contracções convulsas e nervosas...
e abrem-se as pernas, rijas, vigorosas.
com espasmos tetanicos, potentes..

E após, na febre do momento extremo,
quando um perfume pelo ar se evola,
...subito, o goso em nossas veias rola...
vibra dos beijos o hallali supremo..

Laura, esses doidos que, o prazer buscando,
amam as carnes das mimosas virgens,
elles não sabem as subtis vertigens
que dá teu dextro corpo, palpitando..





A UM LOUCO

Apagou-se-te o facho da Razão
nas ondas tormentosas d'esta vida.
Da Loucura tens n'alma combatida
o phantastico, o negro turbilhão.

Hoje sentes na seva escuridão
a Ideia que vacilla, combalida..
Aguia — tu'alma desprende ferida
vão extranho do espaço na amplidão...

Quem, porem, sabe si ignoto goso
— ao desprender o largo vão ancioso —
ella encontrou no firmamento puro?!

Das illusões que em nós fazem seu ninho
a Razão é o latego damnhinho
que fôra as lança no horizonte escuro..

Lisboa.





NUA

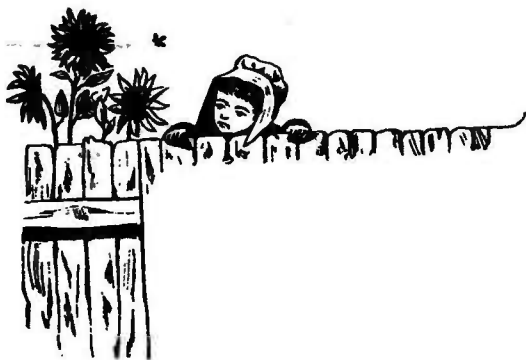
Fico-me às vezes a scismar nas puras
linhas esbeltas do teu corpo claro,
nos labores subtis das esculpturas
desse teu collo peregrino e raro.

Quizera ver-te as ideaes brancuras
do dorso branco, do thesouro caro
que tu resguardas das paixões impuras
com zelo immenso, cauteloso, avaro.

Sonho-te em cima dos coxins vermelhos
traçando os magos, infantis artelhos,
sobresahindo pela nivea cor,

e scismo, e scismo si me falta ainda
muito p'ra ter-te, minha fada linda,
no paraíso desse doce amor!





INNOCENTE

Tem no seu doce aspeito
da pomba a mansidão,
na neve do seu peito
ondas de seducção.

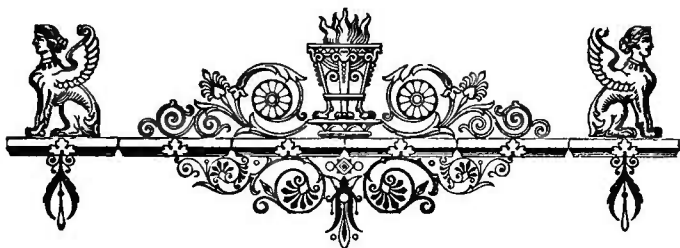
Ao ve-la, em mim, desfeito,
pulsame o coração,
e sinto, satisfeito,
extranha commoção.

Mas, si lhe falo acaso
no fogo em que me abraço
no meu profundo amor,

ella, que não entende.
o ardor que em mim accende,
nem cora de pudor!

Lisboa.





ESTRELLAS APAGADAS

Elle vous servira, la foi dans cette fable
D'étoile à votre chemin.

Jean Richépin

Fandida estrella, que no ethereo espaço
brilhas com luz encantadora e viva
e atraz da qual minh'alma pensativa
do céu se lança no gentil regaço,

quando, ás vezes, te fito, em mim se aviva
um pensamento nebuloso e baço
e eu scismo que talvez o ultimo passo
nas orbitas do azul déstes, captiva...

.e hoje essa luz, a luz que nos envias
— astro apagado no correr dos dias —
teu morto foco nem sequer a tem!

Então minh'alma, desprendida, pensa
que inda perdura o rutilar da Crença
e Deus—seu foco—se extinguiu também!





HYPOCRITAS!

(LENDO O NOME DE ALGUNS SUBSCRIPTORES PARA A
ESTATUA DE JOSÉ BONIFACIO)

Judas, que andais fingindo um preito á Liberdade,
á sublime, á viril, á santa claridade
d'essa luz que allumia o coração dos fortes;
Judas, que vos tingis no sangue de mil mortes,
que alentais sem pudor o braço dos feitores
e, quando cae prostrado o rei dos lutadores,
como sarcasmo, atroz, estúpido, sangrento,
dais uma esmola em prol do heroico monumento,
— Judas, não insulteis o impávido guerreiro!

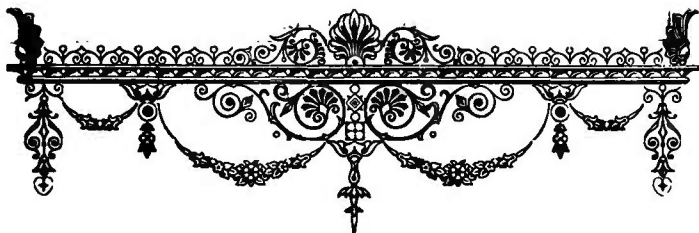
Lavai as vossas mãos do sangue carniceiro!
recebei o baptismo augusto da alvorada!

tirai da vossa fronte a mancha negregada
de negreiros crueis, de rábidos algozes!
elevai vossa voz no marulhar das vozes
dos que acclamam a Luz, partem por sobre o mundo,
desprendendo, soltando o turbilhão fecundo
das ideias viris de Liberdade e Gloria!
mostrai que vós podeis nas paginas da Historia,
altivos, sem temor, sem pallidez, nem susto,
apparecer de pé, como em proscenio augusto!

Não labuteis na sombra escura e tenebrosa
para surgir, fingindo a crença gloriosa,
como os bandidos vis, os perfidos falsarios,
as almas sem vigor dos miseros sicarios,
que andam roubando, á noite, e, quando surge o dia,
apparecem mostrando a infame hypocrisia,
ostentando o respeito, os zelos refalsados!

Redimi! redimi! fundi grilhões pesados!
cedei a luz e a vida ao misero captivo!
e então podeis erguer-lhe o monumento vivo,
e o Lutador virá da tetrica mansão
vosso nome cobrir de eterna gratidão!





NATURA NOVERCA

Fra a hora da noite em que a tormenta
— quando a tormenta se desata e cae —
torce a copa da matta somnolenta
que o vento a sibilar dobrando vae,
e aos rugidos da vaga turbulenta
do leito o rio transbordando sae,
e o mar açoita o dorso do rochedo,
sinistro, uivando de terror, de medo.

No concavo do azul nem. brilha um astro
que á Noite rasgue o nebuloso véo,
só, com sanguíneo, lampejante rastro,
o raio passa na amplidão do céo,

e a barca, pelo mar, quebrado o mastro,
bate de encontro ao tetrico escarcéo,
emquanto — erguido na maré gigante —
rola o cadaver do marujo errante.

Na sombra negra e triste e pavorosa
os rochedos semelham-se aos titans
escalando a amplidão densa e trevosa
das nevoas altas de nevadas cans,
que na forma subtil e duvidosa
figuram-se no azul quaes barbacans
do castello de um deus — um deus terrível
que a tempestade vae soltando, horrível.

Hora de assombro! das tormentas hora,
em que é sinistro da amplidão o horror!
em que a fera a tremer foge e descora,
muda, transida de fatal pavor,
e o relampago brilha como a aurora,
como o sangrento, desusado albor
do dia em que, da vida já na raia,
a Terra pelo Espaço role e caia!

011

gosto de ver-te pelo céu rugindo,
porque minha alma, como tu também,

pelas ondas do azul passa subindo
buscando sempre remontar-se além,
e ao gineite do vento, que, nitrindo,
nas savanas do mar, correndo, vem,
a rapidez febril supplica e pede
e os abysmos sem fim devassa e mede.

E' que minh'alma
da Natureza
quer a grandeza,
quer a amplidão,
e, quando o raio
nos céos estala,
rindo, se embala
no furacão.

Aguia soberba
que bate as plumas
sobre as espumas
dos vagalhões,
supplica aos astros,
pede aos rochedos
os mil segredos
das amplidões.

N'essa noite eu senti — feroz e sobr'humana —
a luta em toda a parte, enorme, audaz, insana,
na intermina amplidão da curvatura etheréa,
volver e revolver o seio da Materia.

Eu perguntei, fitando os vagalhões irados:
— Que furor vos agita, ó doidos rebellados?
Que quereis? que quereis?
Acaso um genio máo que o vosso dorso encerra
vos manda que de encontro aos escarcéos da terra
vossas furias lanceis? —

E o mar me respondeu: — A luta, a luta ardente
borbulha no meu bojo, asperrima, inclemente,
sem destino, fatal..
Porque o faço não sei... Mas em mim tudo solta
um grito de furor, um grito de revolta
contra o Bem... contra o Mal. —

E eu perguntei ao céu: — O' cupola azulada
das mil constellações, que força negregada
vos deu tão sevo ardor?
Quem vos manda cuspir na ancia da tempestadê
os raios que, a fulgir, enchem a Humanidade
de psmo e de temor? —

E o céu me respondeu: — Das nuvens que remontam,
dos astros que de noite a vosso olhar despontam
 nos paramos azues,
de tudo quanto a nós chega, surge, se eleva
vêm-nos ancias de guerra... a guerra contra a treva...
 a guerra contra a luz...

E eu voltei-me p'rá Terra: — O' Terra deshumana,
que funesta avidez faz-te esconder, tyranna,
 as ferteis producções?
Quem te manda occultar as gemmas e os brilhantes?
e accender a rugir as guelas fumegantes
 dos horridos vulcões? —

— Não sei... Mas dentro em mim sinto uma força enorme,
que não pára jamais e nem repousa e dorme
 em doce e calma paz,
incitar-me á peleja, ardente e louca e infinda
e, quando eu vou parar, dizer: «Não basta ainda!
 Porfia! Luta mais!» —

Onde te escondes tu, genio maldito,
 genio do Mal
que guias pelas trevas do Infinito
 este prelio fatal?

Onde levas a Vida, a Natureza,
na escuridão
d'esta furia tenaz que a atira accesa
em louco turbilhão?

Naves soltas nos mares tumultuosos
do azul sem fim,
dos horizontes negros lutulentos
sondamos o confim.

Que norte em meio á escuridão da treva
a nós conduz?
N'esta róta fatal que assim nos leva
d'onde virá a luz?

Astros! cometas! soes! misera Terra!
p'ra que correis?
As lutas incessantes d'esta guerra
aonde acabareis?

Lutar! lutar! brada tudo
nas ancias do pelejar...
Té o espaço, immenso e mudo,
parece dizer: — Lutar!

A' guerra! A' guerra! A peleja
no mundo todo esbraveja,
cheia de extranho rancor.
Da rocha audaz de granito
ao fundo azul do Infinito,
corre sempre o mesmo grito
que enche tudo de furor.

O arbusto luta, arrancando
da terra a seiva vivaz.
Luta nas trevas passando
o verme escuro e minaz...
Luta! luta! No rochedo,
que affronta as vagas sem medo
o mar atira os cachões.
E a rocha, calma e silente,
de pedras alteia a frente,
quebrando a furia impotente
dos marinhos turbilhões!

Loucos bandos de perfumes
no espaço tentam subir...
— Da tempestade os negrumes,
tristes, os fazem cahir!
Dizem as aguias: — «Subamos!
os nossos corpos ergamos

aos astros cheios de luz!»

— Mas, ai! não sentem que os ventos,
que as nuvens, que os elementos
lhe impoem barreiras, tormentos
que as rojam dos céos azues.

E a Humanidade exanime,
n'um turbilhão feroz,
levanta a augusta voz
em doido grito unanime,
e n'um supplicio infando
caminha, pelejando,
d'um louco sonho apoz...

Assim nos espaços, nos astros, nas flores,
nos tardos rumores
das ondas do mar,
os homens em tudo procuram sem medo
da vida o segredo
poder decifrar.

Mas, ai! que demencia! que immensa loucura!
No mar que murmura,
nas flores, nos soes,
si cantos existem, si acaso em seus rastros
os lucidos astros
têm falas, têm voz,

— podesseis ouvi-los! verieis, pasmados,
que os gritos maguados
perguntam também,
nas ancias tremendas de interminas lidas,
de onde é que das vidas
o impulso lhes vem.

Nada sabe no mundo o seu destino!
Tudo caminha cega... cegamente!
Nada nos vale erguer frouxo e tremente
de supplicas sem fim esteril hymno...

O Cosmos — rude esphinge impenetravel—
dos seus mantos fataes nos véos siderios,
guarda occultos os intimos mysterios
do seu fado gigante e inenarravel.

E a Natureza, como vil madraستا,
não vê que a humana raça treme e chora...
De queda em queda pela vida afora
nossos desejos pelo pó arrasta..

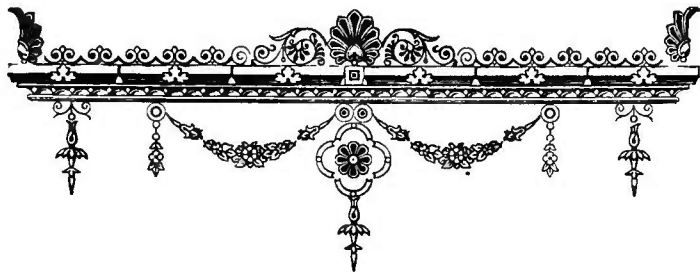
Nós iremos, comtudo, cançados,
pelos trilhos da vida, com fé,
sobre os sonhos perdidos, calcados,
novos sonhos erguendo de pé.

Hoje a imagem de Deus, mentirosa,
lançaremos por terra, no chão;
— nova luz brilhará mais formosa
da victoria no rubro clarão!

Mas o fogo que os peitos abraza,
que sentimos noss'alma queimar,
si um castello de enganos arrasa,
outros faz-nos ao longe enxergar...

Vamos, pois, meus irmãos! Sem receios
enterremos o corpo de Deus!
E depois. entre doidos anceios,
novas trilhas busquemos nos céos!





DO LIVRO DE LAURA

Fui ter á alcova deserta
dos nossos doidos amores.
Achei fanadas as flores
que tu deixaste ao sahir.
Uma saudade profunda
vibrava cheia de encanto,
sentia-se em cada canto
uma lembrança surgir.

Eram — deixados á toa —
teus mimosos sapatinhos
como dois candidos ninhos,
sem das aves o calor.

Vagos, em torno, no espaço,
como invisíveis cardumes,
vogavam doidos perfumes,
lembrando teu doce olor..

Fino, o tapete felpudo,
junto ao leito abandonado,
inda lembrava, calcado,
rastos subtis de teus pés..
Do colchão as fofas pennas
as leves, lucidas normas
das tuas nitidas formas
tinham guardado, fieis.

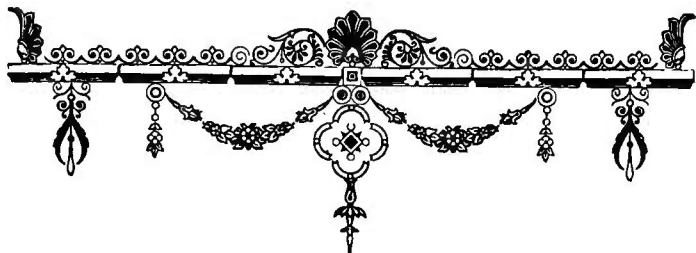
Teu alto espelho, de rubra,
de velutinea moldura,
onde a tua formosura
se mirava esculptural
— baço, sem brilho, nas sombras
lembrando a dita perdida,
queria ver-te esculpida
de novo no seu crystal..

E eu, então?! Eu, que conheço
teu mago encanto sublime,

que meu labio não exprime,
que não conhece outro assim;
eu, que sei todas as linhas
do teu corpo: — estatua d'arte —
que vivo para adorar-te,
p'ra sentir-te ao pé de mim;

ah! Laura! jamais podera
contar-te toda a tristeza
que me prendeu na incerteza
de uma ausencia tão cruel!
Não fujas mais! Por castigo
não me deixes mais sózinho!
Serêi teu servo mesquinho...
Serei teu servo fiel...





VERDADE

Como si pelo azul rolara decepada
uma cabeça enorme, ensanguentada e loura,
lentamente no mar, cuja amplidão redoura,
atufa-se do sol a esfera abrazeada.

E, como colossal e rubida granada
mancha de sangue o campo onde, ao cahir, estoura,
ella — ao baixar do oceano á curva rugidora —
de vermelho macúla a abobada azulada.

Então, si a noite estende o crepe funerario
sem do sol recordar que o rubro lampadario
ha de, em breve, o romper com vivos arreboes,

eu penso — ao ver a lucta assim dos elementos —
que a Verdade tambem se occulta por momentos
e com brilho maior deslumbra-nos apoz.

Lisboa





AROMAS

A HORTENCIO MELLO

Fu prefiro um aroma delicado
às cadencias sonoras da harmonia
e meu peito de sonhos se inebria
sobre um corpo despido e perfumado.

O' mulheres gentis, no desvairado,
supremo aneio de febril magia,
quando em gosos a nossa phantasia
libra no azul o vôo allucinado,

quando noss'alma toda se derrama
nos ethereos cendaes da accesa chamma
da volupia sem par, que em nós assoma,

ó mulheres gentis, — n'esses instantes
vibram no espaço os coros palpitantes
das partituras magistraes do Aroma...





DARWIN

Quando os christos outr'ora, os ruivos thaumaturgos
andavam derramando as bençams e orações
e faziam pasmar nos solitarios burgos
dos povos imbecis as loucas multidões,

—para plantar melhor a sementeira extranha
de uma fé que surgia, infame, irracional—
desde o prado e a floresta ao cume da mentanha
transbordava do sangue a rubida caudal.

Dizei-o, cathedraes da Hespanha portentosa!
Contai-o, Carlos Nono, aos fastos do porvir!
Fale da Inquisição a fama gloriosa!
Deixem do mundo, em coro, as victimas se ouvir!

Longo tempo pesou sobre o universo inteiro
dessas crenças fataes a negra maldição,
até que o Pensamento, um dia, sobranceiro,
despedaçou no pulso o rígido grilhão.

Prometheu, que jazera exausto no rochedo,
para a revolta emfim de novo despertou
e um desafio audaz, sem vacillar de medo,
pelo carrasco abutre a Jupiter mandou.

Doidamente no espaço o abutre desvairado
vagou pela amplidão intermina dos céos,
té que o viram cahir, lasso, desanimado,
por não achar no azul traços siquer de Deus!

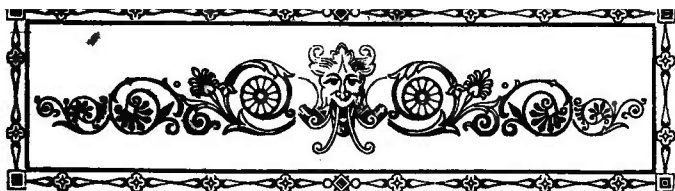
Hoje, quando desbrocha uma verdade nova,
sentem-se palpitar os corações viris.
Em vez dos funeraes esqualidos da cova,
abrem-se para a luz as saudações febris.

Os christos deste tempo, os novos redemptores
querem sentir na fronte o lampejar dos soes;
querem—p'ra lhes cantar um hymno de louvores—
dos povos a lutar a agradecida voz.

Tu que mostraste, pois, a santa claridade
da Lei que tanto tempo em sombra se envolveu,
Christo sublime e bom, propheta da verdade,
recebe as ovações do pensamento meu.

Deixa que minha voz, no agradecido coro
da Humanidade toda os cantos a soltar,
possa tambem trazer-te um ramo desse louro
com que teu nome cincto á Gloria ha de passar.





CINCO DE MAIO

Morreu. Velou na morte
a fronte colossal!
Não lhe abateu a Sorte
a fama perennal!
Rude titan da guerra,
passou por sobre a terra,
como tufão fatal!

Morreu. Resoem coros
de gloria até aos céos!
Soem do mar os choros
dos negros escarcéos!
Das maguas aos impulsos
rujam de dor, convulsos,
seus vívidos trophéos!

Morreu. Do Nilo ao Rheno,
às chammas de Moscow
—onde o perfil sereno
do luctador passou—
brilhem como relâmpos
pelos sombrios campos
os rastos que deixou!

Morreu. Surjam trementes,
no rabido tropel,
as victimas algentes
em multidão cruel!
Venham! Blasphemias, gritos
hymnos serão nos ritos
desta oração revel!

Quem vae. quem vae ao raio
contas do Mal pedir?
Vê-se em fatal desmaio
a multidão cahir.
Força cruel o impelle,
passa, destroe, repelle,
a sina vae cumprir...

Morreu. Seu rude nome,
seu nome vencedor,

columna de Vendôme,
repete-o sem temor!
Deixa ulular nas trevas
a legião das sevas
injúrias de furor!

Chora, mulher formosa,
rainha das nações,
ó França gloriosa,
terra das sagrações.
Chora! Tu foste o sonho
que o fez colher risonho
da Fama os galardões.

Por ti, do velho Egypto
aos plainos boreaes,
às moles de granito
dos Alpes colossaes
— viram a arrebatall-o
nitrir o seu cavallo
em luctas desiguaes.

Por ti—viram-no á noite
os celicos pharoes,

do vento ao rijo açoite
bramir, soltando a voz,
na dor que a raiva inflamma,
chorar Moscow da chamma
nos rubidos lençoes.

Por ti.. por ti apenas
no exilio soluçou...
Nem da traição nas penas
ao te lembrar pensou.
A voz dos carcereiros,
scismando em seus guerreiros,
siquer elle escutou!

Morreu. Sobre o britano,
manchado pavilhão,
seu nome soberano
brilha como um clarão...
E' como viva estrella,
nas sombras da procella,
da infamia no borrão.



VOZES NOS CÉOS

OS PLANETAS:

Fomos dos fogos brilhantes
heroes.
tinhamos almas radiantes
de soes.

Depois o facho luzente
morreu,
um sopro gelido, algente
correu.

Hoje vamos ás estrellas
azues
mendigar vivas centelhas
de luz.

Na escuridão carecemos
fulgor,
na noite fria queremos
calor.

AS ESTRELLAS:

Nós, as estrellas que do azul profundo
vamos banhar-nos no subtil regaço,
nós, as estrellas que do immenso espaço
as fronte louras na amplidão erguemos;
nós, dos lampejos que rebentam vivos
em nossos collos — luminosas flores —
a vida, em ondas de gentis fulgores,
nos astros negros sem temor lancemos.

Demos-lhes força, sacudamos n'elles
a poeira viva das fulgentes comas,
que — quaes abelhas, procurando aromas —
no nosso seio rolarão tombando,
e das espheras que no espaço giram
hymnos ferventes de ferventes notas
virão das plagas do Infinito, innotas,
trazer um canto sonoro e brando.

Ao nosso jugo, sem vigor, prostradas
nos plainos amplos do Infinito immenso,
no nosso lume de fulgor intenso
calor e vida buscarão roubar-nos,
mas — quaes phalenas a girar em torno
do vivo brilho de candentes gazas —
no nosso fogo queimarão as azas,
já moribundos, sem poder deixar-nos.

OS PLANETAS:

Sim. Nós ficamos
curvados, presos,
na luz accesos
de vosso ardor;
mas, ai! que fôra
de nós no espaço,
sem no regaço
ter vosso amor!

Pobres espheras,
hoje apagadas,
nós, regeladas,
sem vida ter,
era-nos sina
nos horizontes

gelar as fronte,
logo morrer...

OS COMETAS:

Morra-se embora,
que a morte é breve,
mas não se deve
frontes curvar.
Nós — dos espaços
de etherea poeira
na viva esteira —
vamos lutar!

Nutrimos os collos de fogo, de gloria,
ninguem sobre as caudas a mão nos porá;
Lutando gigantes, tremendos lutando,
noss'alma entre os astros, liberrima, irá.

Que sonhos! que vida! Do espaço nos plainos,
correndo sem rumo do céu no regaço,
vereis nosso curso, marcando, fulgente,
de luz pelos ares um rutilo traço.

Das louras estrellas mesquinhos escravos,
si os negros planetas nos veem perpassar,
medrosos, na sombra, sentimos a todos
as fronte escuras, tremendo, baixar.

UMA VOZ:

Astros brilhantes! espheras
que andais no espaço sem fundo!
cometas! antro profundo,
que os astros todos prendeis!
vós não ouvistes, acaso,
a voz sublime, superna,
de cuja vontade eterna
brotam fataes vossas leis?

CORO DE ASTROS (*respondendo*)

As estrellas:

Quem vos disse? Nos nossos caminhos,
livres... livres... giramos no espaço.
Não traçou nossas orbitas curvas
deus algum com despotico braço.

Os planetas:

Quem vos disse?! A girar do espaço illimitado
na vastidão azul, na vastidão etherea,
não nos dominam leis do deus de que tu falas,
leva-nos simplesmente o giro da Materia.

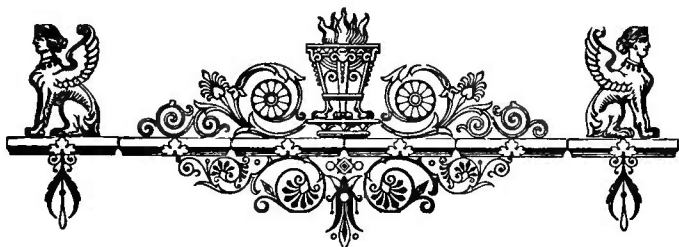
Os cometas:

Mentis. Do espaço intermino
no curso desvairado
nem vimos o animado
vestigio desse deus!
Só a Materia, unica,
enche, domina tudo...
da campã o espaço mudo
aos paramos dos céos!

O TEMPO E O ESPAÇO:

Nós somos os fieis cerbéros da Materia...
Somos—a dominar a vastidão sideria —
sentinellas em guarda aos plainos do Infinito.
Si alguma cousa passa, um temeroso grito
pergunta pelo deus que as amplidões domina
e, na noite dos céos que, viva, se illumina,
brada sempre uma voz em funebre estribilho:
— *Nunca o podemos ver no nosso longo trilho!*





HERO E LEANDRO

A THEODORO MONTEIRO DE MACEDO

Nas bipartidas aguas do Hellesponto
—lençol enorme de terror e sombra—
valente nadador, que nada assombra,
surge, cortando vagalhões sem conto.

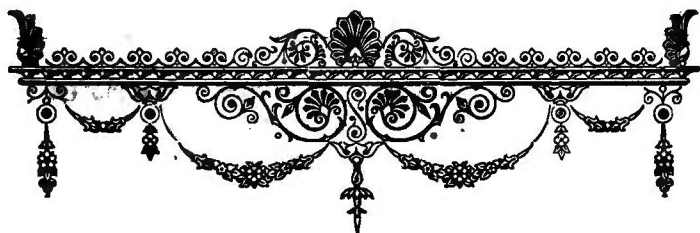
Longe avulta na praia, como um ponto,
luminoso pharol e sobre a alfombra
o vulto d'Hero, que a verdura ensombra,
destaca-se das penhas no confronto.

Fitando o vivo olhar na escura plaga
ella vê, sob o peso d'alta vaga,
Leandro succumbir inanimado,

e sobre seu cadaver, inda quente,
louca, se atira a soluçar demente,
da negra morte no fatal noivado.

Lisboa.





CHRISTO

Nazareno, eu não sei si teu olhar bondoso
derramou sobre o mundo as bênçams e o perdão;
não sei si tu prégaste o verbo carinhoso
da luz, da paz, do amor, da caridosa uncção.

Dizem que tua voz, que tua voz vibrante,
cheia de mansidão, de paz serena e doce,
uma doutrina nova, um credo irradiante
ao sinistro labor da Humanidade trouxe.

Dizem que foste bom, que foste meigo e puro,
que tiveste na fronte o resplendor dos céos,
que foste na amplidão desse passado escuro
raio de luz sem par, filho de extranho deus.

Eu sei, eu sinto, eu vejo—ao erguer a marmorea
lapide que sepulta os restos do Passado—
surgir em cada canto ás paginas da Historia,
para te maldizer, um vingativo brado.

Vejo, em pranto, chegar do horror da media idade
os coros feminis, os coros virginaes
das donzellas, perdida a flor da virgindade
na esteril solidão dos claustros monacaes.

Eu sei, eu sinto, eu vejo, á tua voz maldita,
o sangue espadanar em crispações de dores;
das Cruzadas escuto a temerosa grita
passar como um tufão sedento de rancores.

Eu lembro Galileu enclausurado, preso,
rorejando de pranto as argentinas cans;
vejo Vanini a rir no catafalco acceso,
sem negar da Verdade as auroras louças;

João Huss, que morreu lançando mansamente
a esmola do perdão ao misero assassino;
Bruno, que commetteu o crime impenitente
de mostrar da Sciencia o brilho peregrino.

Eu vejo succumbir nas cathedraes de Hespanha,
ante o sereno olhar da tua infame cruz,
victimas por milhões, dos padres teus á sanha,
às fogueiras crueis aviventando a luz.

Dez seculos fataes tu lançaste a desgraça,
a sombra funeral da ignorancia bruta,
dez seculos vergou-se a envilecida raça
ao teu jugo fatal, que tudo avilta e enlucta.

Não, Christo. Meu olhar, por muito que, buscando,
procure, p'ra dizer-te, amigas saudações,
—do Passado ao mirar o largo horror infando
só tem para te dar — odios e maldições!





DO LIVRO DE LAURA

Dire l'odeur de sa peau fraîche
Aucun parfum ne le saurait !
Jean Richepin

Quando diante de mim tu ficas nua,
sem a mais leve, mais subtil roupagem,
e a fina, e ardente, e encantadora imagem
entre meus beijos lubricos fluctua,

em cada linha do teu corpo chora,
chora e vibra e sorri, delira e canta
um perfume suavissimo que encanta,
que os sonhos loucos do prazer enflora.

E tu nadas nas ondas de perfumes
como Amphitrite de mais bello oceano..
E a luz que brinca em teu olhar magano
tem da ardentia os scintillantes lumes..

Laura! que seja teu corpinho branco
concha de nacar onde brinque a vaga
d'essa divina essencia em que naufraga
a alma do Goso no supremo arranco.

Sim! que nas ondas d'esse mar profundo
quero abysmar-me sem temer escolhos!
Sejam pharoes mendazes os teus olhos,
irei contigo d'esse abysmo ao fundo!





À JANELLA DO FUTURO

Ja de o Sol amanhã sumir-se regelado
no caminho sem fim da eterna evolução
e a luz pela amplidão do espaço contristado
apagar-se afinal no horror da escuridão...

Saturno, esfera enorme, esfera condenada
às gehennas do mal, às sombras do terror,
abrirás doidamente a prisão negregada
onde as almas sem luz uivam de medo e dor?

Marte, quando do brilho o germen derradeiro
da Morte se envolver no gelido cendal,
onde podes lançar teu fogo de guerreiro,
arrastado da noite á pávida caudal?

Cometas, que, no azul correndo desgrenhados,
debalde procurais dos mundos o Senhor,
que andareis a buscar, si pelos céos calados
morto vereis a Deus, do espaço no livor?

Venus, astro gentil, astro de amor, brilhante,
que atiras sobre nós a tua calma luz,
que farás no infinito, ó desgrenhada amante,
quando vires a sombra em vez dos céos azues?

Mercurio, quando o sol que te alumia agora
na sombra sepultar seu lucido clarão,
quem te dará, perenne, aquella viva aurora,
em que banhas o collo erguido na amplidão?

Jupiter, astro immenso, esphera extranha, enorme,
que giras colossal na vastidão dos céos,
onde derramarás a força desconforme
do teu corpo gigante, ó desthronado deus?

Urano, astro perdido em meio dos espaços,
Neptuno, rei do mar—do mar dos céos sem fim,
onde dirigireis os vossos doidos passos?
onde procurareis das sombras o confim?

Andareis a correr na vastidão immensa,
onde a Matéria eterna e a Força perennal
copulam doidamente em uma febre intensa
que os une no furor de um cio sem igual.

E então, ao recahir nesse profundo abysmo
onde a vida referve em loucos turbilhões
nas ancias infernaes de extranho paroxismo
refundidos vireis em novas explosões.

Como estrellas cortando a sombra tenebrosa
passareis refulgindo em giros colossaes
nos céos, onde ha de ouvir-se a voz tumultuosa
do Cosmos, a rugir canticos immortaes.

E a Revolta, incendendo o seio dos planetas
roubando para a fronte o refulgir dos soes,
tomará pela cauda os lucidos cometas
e, rojando-os do azul nos claros arreboes,

«Ide!—dirá—contai á nova humanidade
aos que virão lutar no dia de amanhã
—que a Matéria resume a eterna magestade!
—que a figura de Deus é uma chimera vã!

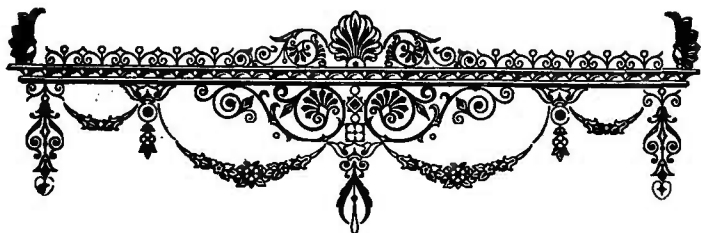
Dizei-lhes que ella foi no velho mundo, outr'ora,
uma sombra fatal que lhe roubava a luz;
cobria o refulgir esplendido da aurora,
turbando a limpidez dos paramos azues.

E os povos cantarão numa alleluia enorme
coros de gratidão e de desejo e amor
a ti, deusa Materia, ó deusa multiforme,
que os deuses atiraste ao pelago do horror.»

Nós, que prevemos já o luminoso brilho
da aurora que ao Porvir um dia surgirá,
encetemos tambem o glorioso trilha
que ás auras de luz noss'alma levará.

Risquemos sem temor das nossas nobres frentes
e atiremos do olvido ao tenebroso cáos
o perfil sem valor dos deuses impotentes,
que hão sido para nós estupidos e mãos.





VELANDO...

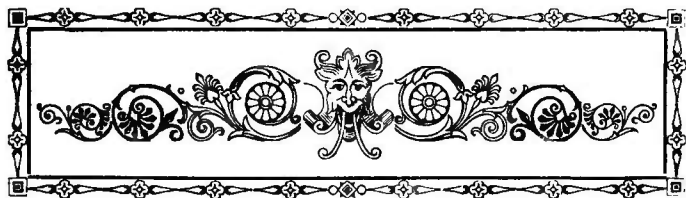
Quando o sol, desmaiando na planura,
tinge os rochedos de sangrento manto
e a pouco e pouco se confunde o canto
das aves sôltas na ramada escura;

quando descem dos céos as sombras mudas
e tu buscas teu leito perfumado,
emquanto os astros pelo céu pasmado
miram-te o corpo que a tremer desnudas,

ao repousares a cabeça bella,
diz' ao archanjo que teu somno vela
que pode aos astros sem temor voltar.

No silencio das noites, quando á bocca
surgem os sonhos da volupia louca,
minh'alma ficará para velar!





PADRES, HEIS DE LARGAR A PRESA CUBIÇADA

"Foi approvada aos gritos de "Viva a Republica" por grande numero de votos a lei que excluia os congreganistas da instrucção primaria." 25-11-86.

Jornal do Commercio

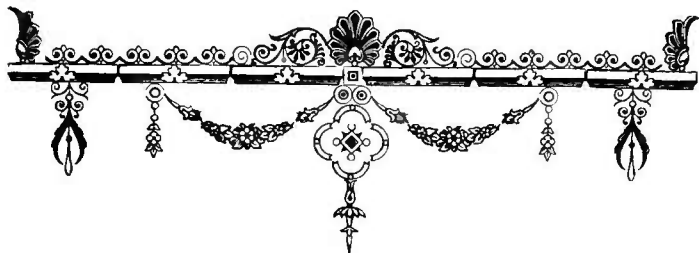
Padres, heis de largar a presa cubiçada!
Não se esconde o clarão rubido da alvorada
co'a batina fatal dum sacerdote infame.
Breve não haverá na Terra quem vos chame
sinão para rojar odios e maldições,
sinão para pedir as justas punições
dos crimes infernaes, dos crimes deshumanos,
que outr'ora, quando os reis — perfidos soberanos —
eram servos fieis da Santa Madre Igreja,
lançaram sobre o Povo, onda que se despeja,
sem temer o furor, os diques e as barreiras,
quando sente da luz as forças altaneiras.

Não! Querieis banhar as fronte das creanças
de sombras e terror, sumir as esperanças
da França num cendal de negrejantes trevas
atras, fundas, fataes, estupidas e sevas.

Não! A luz já não vem dos altos céos, dos ares...
Ella sobe da Terra e ha de ruir altares,
ha de os deuses queimar, si os deuses no seu trilho
quizerem-lhe estorvar o purpurino brilho!

Desta terra, que, um dia, ha de surgir radiosa,
eu— que da luz no peito abrigo as explosões—
a ti—França immortal, ó França gloriosa—
rojo meu coração cheio de saudações!





PELICANO

C'est la chair de ta chair, c'est l'âme de ton âme.
J. Richopin

Pnde a vaga se quebra em ríspidos lamentos,
junto á costa onde a rocha é dura e penetrante,
habita, exposta ao sopro asperrimo dos ventos,
uma ave que é do amor o exemplo culminante.

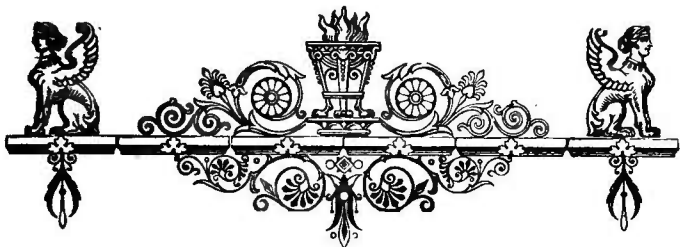
Por isto ella, que affronta a voz dos elementos,
impassivel, sem dor, estoica e triumphante,
vendo o filhinho exausto, em presa a mil tormentos,
rasga p'ra alimental-o o seio palpitante.

Assim deveis tambem, ó loucos scismadores
que na trilha sem fim das lutas e rancores
andais buscando a luz que vos conduza á Historia,

sentindo palpitar esse fatal anseio,
rasgar sem medo algum vosso possante seio
p'ra alimentar da campa a vossa filha:—a Gloria.

Lisboa





O COMETA

Rien ne répond dans l'étendue.

J. Richepin

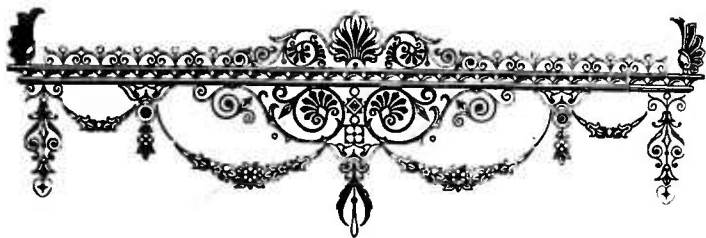
« **P**eus, que do espaço na grandeza enorme
baixando a fronte contemplava a Terra,
ouviu dos echos de sinistra guerra
a voz terrível que subia aos Céos.
Crença e Descrença da peleja informe
sangravam ambas na tremenda luta,
que o firmamento de terror enlucta,
de atroz combate nos medonhos véos.

«Então, a dextra pelo azul baixando,
Elle mandou-me decidir, cusado,
do prelio extranho o temeroso fado,
que as fronte todas de temor enchia.

Parti. Mas logo que, nos céos raiando,
surgi co'o brilho de uma luz intensa,
vi levantada a triumphal Descrença
sobre o cadaver da inimiga fria!

«Allucinado, pelo azul correndo,
busquei o throno do Senhor, gigante,
mas, ai! partido, na amplidão distante
o vi perder-se com medonho abalo...
E hoje, si acaso minha coma ardendo
vedes do espaço na amplidão infinda,
é que *O* procuro pelos céos ainda,
certo que nunca poderei achal-*O*!»





FLORES E ESPINHOS

Flores nos labios, na brancura — flores,
de flor — o collo peregrino e bello;
tinta de rosas de virgineas cores
na face virgem de candor singelo.

Do lyrio os doces matinaes olores,
na rubra bocca de attracções mimosas,
os olhos cheios dos gentis negroses
das violetas, de manhã, cheirosas.

Quando ella passa, trefega donzella,
dizem ao vel-a, peregrina e bella :
— «Eil-a, a rainha da candura e graça!»

Só eu conheço, sob os seus carinhos,
como se occultam infernaes espinhos,
quando nos braços sensuaes me enlaça.





?

Chorar! Chorar porque?! Porque da campa
cerra-se no bater da fria tampa
a luta do viver?
porque sentimos da funerea calma,
como a phenix antiga, que noss'alma
não pode renascer?

Não. Para alem do tumulto sombrio
tudo é deserto e vão, tudo é vazio,
é um embuste Deus!

A alma não sobe a procurar no espaço
o luminoso, o diamantino traço
dos vestigios dos céos.

O homem passa no mundo transitorio,
como de um drama insípido, irrisorio,
o festejado actor:
— após as doidas ovações do palco,
entra, esquecido, o negro catafalco,
— sinistro bastidor!

Viver—morrer: eis tudo. E vós quizeréis,
em vez das lousas algidas, estereis,
novas vidas alem!?
Quem vos diz que teríamos o goso
para trocar a calma do repouso
por esse estranho bem?

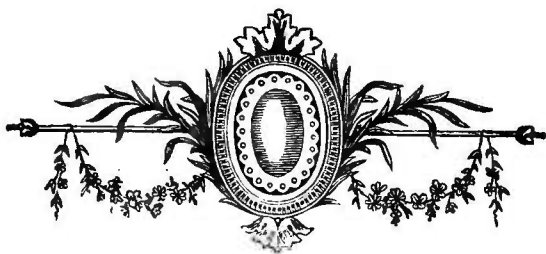
Vivamos, pois. Banhemo-nos de risos,
façamos nossos doces paraísos
co'as humanas huris.
Jogo, Mulher e Vinho:—eis a trindade
da vida, da paixão, da mocidade
dos prazeres febris!

Eia, Champagne! fala-me da vida!
deixa sonhar minh'alma enfebreçada
da gloria nos festões!
Fala do jogo, das canções do goso!
Deixa atirar-me rindo ao deleitoso
vortice das paixões!

Surge, Mulher, para acolher-me, nua,
sem véos pudicos, da belleza tua
desvendando o esplendor!
Deixa pousar-me no teu branco peito,
da febre sensual no fofu leito
buscando o amor!

Não me falem da morte.. Que me importa?
Cerra-se do viver a negra porta,
vem o silencio, a paz..
Emquanto a vida me animar fremente,
quero a febre do goso, um goso ardente,
um delirio vivaz!





ANEMICAS

Eu abomino as pallidas donzellas,
sem sangue, sem calor, sem movimento,
que aos abraços do amor perdem o alento,
nas longas noites sensuaes e bellas.

Quero sentir meu peito contra o peito
de alguém cheio de vida e mocidade
palpitar na gostosa anciedade
dos loucos beijos, no perfumeo leito.

Quero aperta-lo doida. doidamente...
no momento do espasmo deleitoso
e sentir o seu sangue vigoroso
palpitar sob mim, convulsamente...

Sirvam as doces virgens delicadas
— romanticas beldades vaporosas —
para enfeitar as paginas mimosas
das chronicas antigas, illustradas...





VOZES DAS COUSAS

Gritos e cantos que, altivos, surgem
da noite em meio quebrando a calma,
doidos, trementes, passando rugem
junto á minh'alma.

E como o vento sacode as messes
que dormem quedas ao sol de estio,
ouvindo gritos, sentindo preces,
surjo sombrio.

Por isso, ás vezes, dos sons perdidos
das *cousas* soltas na noite escura
a voz entendo que a meus ouvidos,
assim murmura:

—«Quando o olhar atirardes ás vagas,
aos profundos abysmos do mar,
e os sentirdes nas humidas plagas
a cantar;

quando virdes nos vossos caminhos
uma pedra tombada no chão
dos estereis espaços maninhos
na amplidão;

quando o céu contemplardes erguido,
qual pupilla de limpido azul,
do seu manto de nevoas despido
pelo Sul;

quando ouvirdes emfim as cadentes
cousas vis que deixais pelo pó,
lhes negando té mesmo inclementes
vosso dó;

sabei que tudo emfim que vós julgais inerte
tem força, tem calor, e movimento e vida;
que tudo em tudo vive; a Forma se converte,
mas a Força perdura intermina, expandida!

Nada do mundo no scenario immenso:
—a rocha esteril, como a flor mimosa—
um só momento de repouso intenso
gosa na luta da existencia irosa.

Vede a Revolta que traduz e medra,
cheia de extranha maldição tremenda,
por entre as lavas, na candente pedra
arremessada da montanha horrenda.

Vede na terra, que alimenta a planta,
que a vida gera no profundo abysmo,
os gritos roucos de revolta santa
em que, por vezes, doidamente scismo.

O atomo solto no tumulto ingente
de ti—Materia—que resumes tudo,
canta rugindo no labor ardente
do corpo frio que julgardes mudo,

e, na constante transmissão eterna
das forças vivas que jamais se somem,
elle—no seio dessa Mãe superna—
transmitte os cantos de revolta ao homem.

Sim. Da monera na amplidão perdida
do mar immenso que levanta a juba,
ao sabio de hoje, cuja mente erguida
sopra a revolta por sonora tuba,

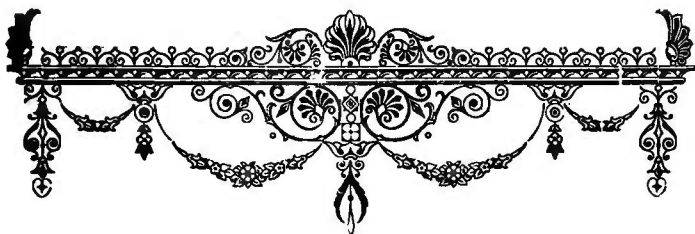
sempre da Força a magestade altiva
negou de Deus a refalsada gloria!
Todos são deuses. A Materia viva
possue a unica, a total victoria!

Assim nós outras—as cousas frias,
que, pelo chão,
vedes tombadas, mudas, sombrias
sem compaixão—

irmãs vos somos na luta ardente,
viva e fatal
em que a Materia—colosso ingente—
reina immortal.

Por isto agora juntos rujamos
hymnos de fé,
nenhum dos deuses, que outr'ora amamos,
fique de pé!»





A UMA PECCADORA

Fessas a quem tu vês, sobre teu rosto
lançando a nodoa do desprezo frio,
fallar de pundonor, fallar de brio,
volvendo a face com cruel desgosto:

— umas hão de, esta noite, em louca furia,
ganir, como cadellas, sobre o leito,
apertando, convulsas, contra o peito
os burguezes esposos, com luxuria;

— outras, as virgens: as donzellas puras
hão de buscar na solidão amiga
os lesbios gosos da poetiza antiga,
sonhos de doces, sensuaes venturas;

— outras hão de dormir enrodilhadas
às pernas musculosas de um amante,
emquanto o esposo, pelo mar, distante,
luta nas ondas colossaes, iradas.

E todas ellas, castas, innocentes,
cheias dos mimos do candor mais puro,
reprovarão do teu olhar escuro
os audazes clarões, vivos e ardentes.

Ellas não sabem — corações singelos!
— almas forradas de subtis arminhos —
mais do que os santos, virginaes carinhos,
que os puros ideaes dos sonhos bellos.

Não lhe falleis das carnes palpitantes,
dos quentes gosos dos febris anceios!
Pelos seus virgens e mimosos seios
não passam doidas tentações amantes.

Tu, sim. Tu és a lubrica rameira,
a mulher que se vende pelas praças,
tu, sem receio, sem pudor, abraças
quem te paga a caricia aventureira.

Oh! têm razão as candidas donzellas,
as macilentas, tremulas velhinhas!
Tu mereces as chufas escarninhas
com que cobrem teu nome nas viellas.

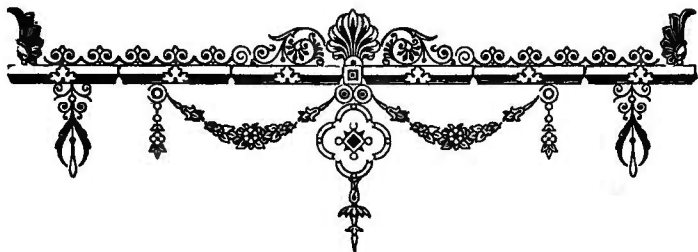
Eu, porem, todavia, eu: corrompido,
eu, que conheço teus sublimes beijos,
que satisfiz meus lubricos desejos,
apertando teu corpo estremecido;

eu que dormi nos leitos perfumosos
sobre teu collo delicado e branco,
que, dos prazeres no supremo arranco,
junto contigo me inundei de gosos;

eu, mulher, como tu, tambem não tenho
as convenções estupidas da vida,
adoro a tua carne pervertida
e os moralistas do Pudor desdenho.

Rio-me da virginea castidade
das mulheres santissimas e puras...
Tu, sim. Tu lanças as reaes venturas,
és dos prazeres a gentil deidade.





MUSA DA TREVA

A COSTA ALEGRE

Sê minha musa, viração da noite!
Junqueira Freire

A' noite, ás vezes, quando a treva cobre
do negro manto a vastidão do mar
e o corcel louco da rajada infrene
nos antros cavos vem funesto uivar;

quando perpassam desgrenhadas, brancas,
pelas ogivas de feudaes salões
das castellãs de funerarias lendas,
pallidas, alvas, as gentis visões;

quando nas naves das capellas gothicas
no ultimo aneiro bruxoleia a luz
e, na penumbra, desvairada, a vista
crê nos altares oscillar a cruz;

visão celeste, vaporosa, etherea,
immersa em luzes de um fulgor sem par,
cabellos soltos sobre o collo eburneo,
banhado em pranto seu formoso olhar,

na cabeceira que, funesta, a insomnia
enche-me á noite de fatal pavor,
a pobre lyra de rendidas cordas
vem-me nos braços, a gemer, depor.

E pede cantos a meu gasto peito,
e pede notas de celeste som,
e dos accordes de harmonia infinda
pede a meus dedos o sublime dom.

Então meus hymnos triumphaes, ardente:
á noite lanço no cantar febril
e a treva os colhe, que, da treva filhos,
não fitam luzes no brilhar subtil.

Lisboa.





21 DE ABRIL

Hoje resurgem dos sepulchros algidos
todos os vultos dos heroes gigantes,
vultos erguidos de revéis atlantes,
vultos soberbos da moderna fé.
Na sombra escura do passado tetrico,
o olhar fulgente de belleza extranha
de luz a fronte dos captivos banha,
sobre as algemas a sorrir de pé.

Raça talhada por um deus olympico
no bronze eterno com buril de raios,
raça daquelles que não têm desmaios,
que pela Patria combateram só.
Morrem... que a Morte, como valla lucida
—valla p'ra estes que não acha fundo—
deixa-os rolando no porvir fecundo
sem dos olvidos mergulhar no pó.

Ah! quantos echos de rancor e colera
devem surgir-lhes nos robustos peitos,
ao ver os falsos, mentirosos preitos
dos que te fingem adorar, ó luz!
dos que nos falam de porvir e gloria,
preces e cantos pelo ar atiram
sem ver os tristes que a chorar suspiram,
do captiveiro carregando a cruz!

Musa sévera da Justiça impavida,
heroes da velha geração de outr'ora,
talhemos fortes no fulgor da aurora
lategos rudes de clarões e soes
e o dorso infame dos tyrannos rabidos,
ao pelourinho do Futuro atados,
deixemos todos a sangrar, manchados
do sangue rubro de um supplicio atroz!

Sim, Tiradentes! quando o sangue vívido,
por sobre as leivas desta terra tomba,
a deusa altiva que dos ferros zomba
sacode a fronte para os fundos céos;
e—como os rijos furacões da Lybia—
abrindo as azas ao troar da Ideia,
—rue dos captivos a fatal cadeia!
—rasga das sombras os damninhos véos!





FRIA

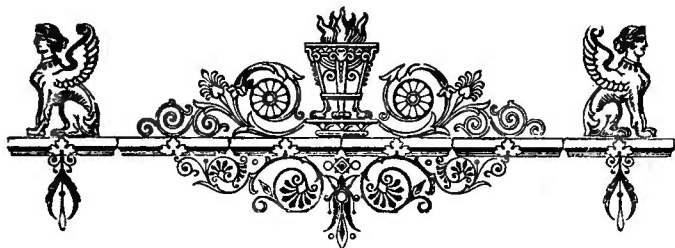
Quando tu vês a lamina brilhante
do meu olhar fitar-te longamente
e correr, uma a uma, impertinente,
as linhas do teu corpo palpitante,

esqueço a multidão que loucamente
ruge nas praças, encombrando a rua,
e a meus olhares appareces nua,
nua — como uma deusa alvinitente.

Dispo-te e vejo o collo peregrino,
teus seios, o teu corpo esbelto e fino,
as pernas alvas de gentil marfim,

e penso, — como a deusa, de Carrara
talhada em pedra de esculptura rara —
que tens de marmore a belleza assim.





WENGROW

Fra em Wengrow. O exercito dos bravos
campava em frente á multidão de escravos
dos russos batalhões.

Eram moços heroes, que, embora poucos,
tinham das flammas dos triumphos loucos
as fortes ambições.

O urso branco do norte doidamente
esmagava a Polonia, que, trememente,
jazia sem vigor.

E elles tinham jurado — d'entre os crimes
erguel-a livre, ou perecer sublimes
ás mãos do vencedor.

Wengrow ia cahir. Era forçoso
ficar alguém no campo pavoroso
— ficar para morrer —

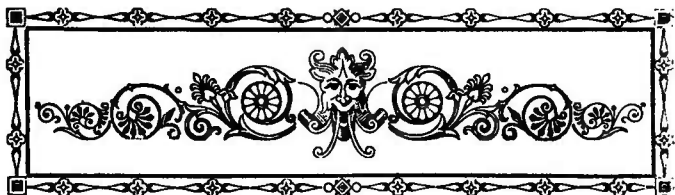
emquanto os raros batalhões fugindo,
n'outro logar as forças reunindo,
tentariam vencer.

Então duzentos moços — almas fortes
que affrontariam, a sorrir, mil mortes,
almas cheias de fé!
— Sem pallidez, sem susto, sem receio,
contra o russo esquadrão do campo em meio
combateram de pé!

Eram duzentos só.. contra milhares!
Eram duzentos só! Mas pelos ares
longo tempo pairou
— como uma aguia gigante e sobranceira—
a esfarrapada, a lucida bandeira,
que no campo ficou!

Um por um — no combate encarniçado
cada mancebo, valeroso, ousado,
sem alento, cahiu;
mas cada um tambem por sobre a Historia,
cheio do brilho rutilo da gloria,
aureolado surgiu!





DO LIVRO DE LAURA

Po teu corpo divino evola-se um perfume,
perfume delicado, ardente e capitoso,
que os delirios sem par do meu furor resume
no momento febril dos extasis do goso.

Pendido sobre ti, curvo-me p'ra bebel-o
nos teus seios gentis, na tua bocca em flor,
nas ondas sensuaes, negras, do teu cabelo,
no teu dorso felino, a estremecer de amor...

E estreito loucamente esse teu corpo feito
p'r'as ancias juvenis das noites de delirios,
corpo sublime, excelso, artistico, perfeito...
corpo que tem a cor e a maciez dos lyrios...

Como tu sabes bem, ó minha linda amante,
nos deliquios finaes e extremos da paixão,
dar-me no teu olhar vivido e scintillante
dos abysmos do goso a extactica visão!

E eu sinto... eu sinto bem... a subir... a envolver-me
esse perfume bom, esse divino aroma,
que vibra, e nasce, e vem da alvissima epiderme
e nos envolve em maga e invisível redoma...

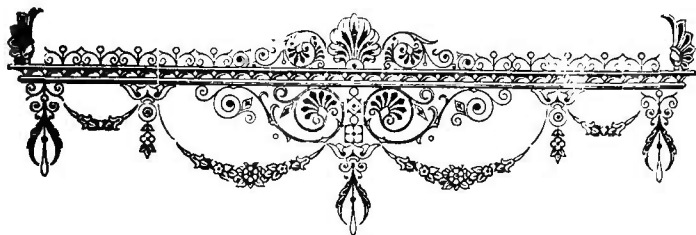
Então, sonhando, eu vejo o mar, a terra, os astros
— tudo o que vive, e sente, e palpita nos céos —
baixar das amplidões com luminosos rastros
e estender do perfume os enervantes véos.

E, ó minha amante, ó doida e lubrica creança,
ó creança infernal, demonio que me adoras,
mostras do goso eterno as portas da esperança
e a minha frouxa vida, a me estreitar, devoras.

Mas, si o perfume são, que vibra no teu seio,
veste teu fino corpo alvissimo e gentil
e das horas de amor exhala-se no anseio,
numa divina e ardente ondulação subtil,

si esse perfume bom sobreviver ainda,
e o poderes em fina essencia condensa-lo,
ó minha meiga Laura, ó minha amante linda,
vem no sepulchro meu, sorrindo, derrama-lo.

Eu te perdorei o teu nefando crime
de extinguires tão cedo a minha vida em flor
e, ao sentir esse aroma esplendido e sublime,
recordarei na campa o nosso doido amor.



ASPIRAÇÃO

Il demeure, quand même, à jamais implacable.
Jean Richepin

Fu perguntei do mar á vastidão gigante
si ella esperava aos céos poder chegar um dia
para juntar do azul á vivida ardentia
a ardentia fugaz da vaga murmurante.

E o mar me respondeu que ha muito que sabia
ser-lhe vedado alçar-se ao paramo brilhante
do espaço, — mas que tinha a força palpitante
de um desejo fatal que aos céos o suspendia.

Olhei... ouvi na praia o procelloso embate
das ondas no ulular das ancias do combate
em que a terra do mar a aspiração quebranta.

E eu scismei que tambem numa eterna loucura,
— certa de não poder tocar-lhe na luz pura —
minh'alma para a Gloria, ardente, se levanta!



NOTAS

O titulo d'este volume dependeu das poesias com pretenções scientificistas que ha n'elle e da convicção philosophica de que arte teude a desaparecer e precisamente, na Poesia, pelo Scientificismo.

Não cabe aqui a affirmação documentada d'esta theoria, que tem por si espiritos tão eminentemente artisticos como os de E. Renan, Anthero do Quental: mais original dos poetas portuguezes contemporaneos, outros. Os argumentos são mais que muito comprobatorios e, quer seguindo o desenvolvimento de cada arte de per si, quer eucarando a generalidade do problema, a affirmação pode chegar ao maximo grau de certeza em hypotheses philosophicas. Todo o talento — e era elevadissimo — do desditoso e illustre pensador francez Gnyau foi improficuo para combater os argumentos apresentados.

Para acabar, porem, toda a polemica bastaria que se podesse provar a seguinte lei, cuja simples exposição aqui feita não é bastaute para base de uma ampla e scientifica discussão:

LEI DA EVOLUÇÃO PSYCHOLOGICA: Toda a manilestação Intellectual partindo de um instincto, evolve a VARIOS SENTIMENTOS e, d'ahi, a MUITISSIMAS IDEIAS.

Esta lei affirma a futura extinção do Sentimento. Provado isto, estaria provada a dissolução da Arte. Si fosse este o logar apropriado, cremos que não seria difficil accumular os argumentos que nos parecem demostrar que aquella lei satisfaz a todos os requisitos de nma hypothese scientifica, entraudo na theoria do progresso de Spencer. Um exame de diversos sentimentos: — amor, caridade, pudor... — forneceria a contra-prova igualmente concludente.

Os que, porem, alheios ás grandes utopias origiuadas na Sciencia, julgarem supremo arrojio a supposição de nma humanidade sem sentimento, leiam a hypothese de Spencer sobre uma epocha futura em que o mais nobre altruismo será um systema de actos reflexos; a de Schopenhauer: a extinção da humanidade pela castidade universal; a de Hartmann: o suicidio cosmico; e outras.

Seja, entretanto, o que for...

As poesias: Dialogo dos continentes, Agni, Natura noverca, Vozes nos céos, A' janella do futuro, Vozes das cousas — deviam pertencer a um poema, especie de cosmogonia materialista, que se intitularia Biblia da Negação.

Nome pretencioso de um projecto morto...

SERENATA. PAG. 83

QUADRA SEGUNDA — QUARTO VERSO: — N'este verso, como em muitos outros, está contada a consoante g por uma syllaba. Quando no livro Peccados en declarei que achava este processo correcto e justo, não faltaram protestos. Não me seria difficil, procurando com cuidado, achar muitos exemplos de igual contagem. Ha, por exemplo, na poesia A voz de Theophilo Dias, metrificador meticuloso e parnasiano, a palavra ritmo contada como de tres syllabas; é de Guerra Junqueiro este verso decassyllabo:

conhece os chics, a elegancia airosa;

ha este outro em Gonçalves Dias, como de nove syllabas:

ninguem mais observa o tratado.

No primeiro caso o th, no segundo o cs e no terceiro o b estão contados como syllabas independentes. Proposito, ou descuido? — Si proposito, é um accordo de vistas. Si descuido, ainda mais probante é, porque mostra que a onvidos edncados de versificadores soaram correctamente, quando desembarçados do convencionalismo habitual.

Deixemos, porem, semelhante minndencia, de bem pouca importancia.

Pag. 84. — QUADRA QUARTA — VERSO QUARTO. — Onde está tremer, deve estar jazer.

E' natural que em muitos logares tenham escapado erros de revisão faceis de comprehender e emendar.

INDICE

	Pag.		Pag.
1883—1887	3	Carmen	99
Introibo ad	5	Crepusculo	101
Dialogo dos continentes	7	Ao assassino de Alexandre II	103
Do livro de Laura (E' de manhã.		Quando meus olhos despem pe-	
Nos agrestes...)	23	netrantes	105
Dens	27	Morta	107
Phalenas	29	21 de Março	109
Trazes-me flores e sonhos	31	Fugitivas	113
Estatua	35	A um rei morto	115
Goso e magna	37	Sombras	119
A Nadina Bulicloff	41	Hypocrita	121
Lendo nm poeta	43	A agnia	123
Lucia	47	Fiat lux!	125
Sede	49	Forget me not	129
Chlorotica	53	Perfumes	131
Agni	55	Do livro de Laura (Vós adorais	
Primavera	59	os corpos delicados...)	133
Quando eu for doido	61	A um louco	137
Virgens mortas	63	Nna	139
Nunca diante de mim ficaste nua	71	Innocente	141
Gambetta	73	Estrellas apagadas	143
Ojos crioulos	75	Hypocritas	145
Osorio	79	Natura noverca	147
Serenata	83	Do Livro de Lanra (Fui ter á	
O' Deus, ha milhões de annos que		alcova deserta...)	157
seguimos	87	Verdade	161
Do livro de Laura (E's a mnlher		Aromas	163
de fogo, a insaciavel...)	89	Darwin	165
Revolta	93	5 de Maio	169
Passando...	97	Vozes nos céos	173

	Pag.		Pag.
Hero e Leandro	179	?	201
Christo	181	Anemicas	205
Do livro de Laura (Quando diante		Vozes das cousas	207
de mim tu ficas nna...)	185	A uma peccadora	211
A' janella do Futuro	187	Musa da treva	215
Velando	191	21 de Abril	217
Padres, heis de largar presa		Fria	219
cubiçada	193	Wengrow	221
Pelicano	195	Do livro de Laura	223
O cometa	197	Aspiração	225
Flores e espinhos	199	Notas	227

OBRAS DO MESMO AUCTOR

PECCADOS

Poesias de 1887—1888

Excerptos:

MOÇOS PALLIDOS...

Scismo nas virgens mortas... Nesta hora
banha a lua as compridas alamedas
e, entre o rugir dulcissimo das sedas,
sôa dos beijos a canção sonora...

Scismo naquellas, cujas boccas ledas
foram geladas no fulgor da aurora,
e penso ve-las pelo ar agora
a descerem por mysticas veredas...

Vêm a pedir os extasis do goso,
— num raio envoltas do luar formoso —
turbando aos moços o dormir risonho..

Pallidos, os gentis adolescentes
estorcem-se, a arquejar, nos leitos quentes,
nos noivados phantasticos do Sonho...

ANTE UM CRUCIFIXO

Ha dois mil annos — rude carpinteiro,
que o nosso louco desespero fundo
nos consome, segundo por segundo,
n'um desgraçado e negro captiveiro..

Ha dois mil annos teu olhar profundo
d'esse infamante e tragico madeiro
nos promette sereno e sobranceiro
balsamo aos desconsolos deste mundo.

Ha dous mil annos — lugubre e damnhinho —
teu vulto posto ao meio do caminho
para a Ventura nos impede os passos...

Ha dois mil annos que teus labios mentem...
Basta! Os povos prostrados hoje sentem
ancia de novos céos, novos espaços...

AMOR DEFEZO

Ha mulheres assim... Noss'alma ao ve-las
vae de rastro seguindo-as nos caminhos,
haja flores no chão, ou haja espinhos,
tenha sombras o céu, ou tenha estrellas!

Quem as pode evitar? Surgem-nos bellas
e aos nossos tristes corações maninhos
vêm trazer a esperança de carinhos
e agitar-nos em intimas procellas.

Sentindo-as, nosso espirito na vaga
da paixão, ora surge, ora naufraga,
como nas sanhas de um bulcão desfeito.

E, quando as lutas serenando vemos,
aos arcanos mais intimos descemos:
— vasio achamos de illusões o peito!

CANÇÃO

Por onde quer que, seguindo,
trilhas da vida os caminhos,
nunca mais verás florindo,
como os meus — outros carinhos!

Cerquem teu rosto tão puro
de longos beijos secretos,
não sentirás (e—eu te juro—)
como os meus — outros affectos!

Forrem-te os passos mimosos
de mil tapizes de flores,
não terás tão deleitosos,
como os meus—outros amores!

Teçam-te idyllos severos,
correctos, cheios de encantos,
não sentirás tão sinceros,
como os meus—os outros cantos!

Cinjam-te embora trementes
novos amantes nos braços,
não sentirás tão ardentes,
como os meus—outros abraços!

Eu, porem. eu nas sombrias,
horas de loucos desejos,
não sentirei nos meus dias,
como os teus—os outros beijos!

MUDA CANÇÃO

«Da tua bocca rubra e pequenina
ninho onde os doces beijos dormem quietos
a esperar pelos gosos predilectos
do amor, que ás almas as paixões ensina;

da tua fresca bocca purpurina,
onde vão meus desejos, como insectos
em corollas de flor, dos mil affectos
buscar a quente essencia peregrina;

da tua meiga bocca nem somente,
como um hymno dulcissimo e tremente,
pude a menor palavra te escutar..

Hoje na triste ausencia, no entretanto,
vibra-me n'alma qual ethereo canto
a luz divina do teu vivo olhar!»

EXTRANHO MAR

Venus, deusa immortal da formosura,
quando surgiu do glauco sorvedouro,
trazia ás pontas do cabello louro
perolas d'agua crystallina e pura.

Mas do oceano de amor que bate a escura
prisão d'est'alma que de sonhos douro,
si, desprezando-o como vil thesouro,
surgisses, nua, em deslumbrante alvura,

bem certamente nos anneis dos soltos,
longos cabellos negros e revoltos,
onde brinca ditoso o meu desejo,

tu não terias d'agua leves bagas...
— Surgiriam trazendo d'essas vagas
em cada fio pendurado um beijo!

O REMORSO

— 1889 —

PAMPHLETO REPUBLICANO — CARTA Á PRINCEZA

Excerptos da 5ª edição:

E teu marido assim, se não tivera achado
a esmola de teu leite, andara renegado,
sem que o seu proprio lar quizesse recebê-lo,
da proscripção mostrando o degradante sello,
arrolado na lista escura dos traidores!
D'essa raça, Senhora, os vis imperadores
podem servir somente aos povos miseraveis;
sem altivez, nem brio!

Nós, fortes e indomaveis,
saberemos lançar bem longe o temerario,
que a Patria repudiou, o Principe usurario,
que vive a cogitar em gordas agiotagens,
Magestade pueril, Cesar das Estalagens,
que em Monte de Soccorro, imbecil avarento,
transformaria o Throno, onde, a cento por cento,
dera dinheiro a premio.

E, si elle enfim lograra
o sceptro conquistar, não fora cousa rara

que se fizesse vir no momento opportuno
Felippe de Bourbon, o principe gatuno,
que ha tempos condemnou um tribunal em França,
para gerir aqui com toda a segurança
a pasta da Fazenda..

O Povo pagaria
e, entre o latim da Igreja e a querula harmonia
de um terno stradivario, a Redemptora, extactica,
esquecendo da Terra a funcção magestatica,
folgara, sem reler a triste folha preta
que narra o torvo fim de Maria Antonietta,
a frivola rainha...

Excelsa Redemptora,
que antes de libertar a raça soffredora
careceste sentir a voz das populações
intimar-te a rugir, colerica, nas praças,
e ver que n'esta patria as armas dos guerreiros
não podiam servir ás caças dos negreiros,
para ceder emfim, pallida e amedrontada;
Excelsa Redemptora, a mesma voz irada
que te obrigou a dar liberdade aos escravos,
rompe agora tambem em canticos de bravos
exigindo afinal a redempção inteira,
para que, livre, surja a Patria Brasileira!

A apparecer:

CLARINS

(Versos republicanos)

Excerpto:

HYMNO DA REPUBLICA FEDERAL BRAZILEIRA (*)

Seja um pallio de luz desdobrado
sob a larga amplidão d'estes céos,
este canto rebel, que o Passado
vem remir dos mais torpes labéos!
Seja um hymno de gloria que falle
de esperanças de um novo porvir!
Com visões de triumphos embale
quem por elle lutando surgir!

Liberdade! Liberdade!
abre as azas sobre nós!
Das lutas na tempestade
dá que ouçamos tua voz!

Nós nem cremos que escravos outr'ora
tenha havido em tão nobre paiz..
Hoje o rubro lampejo da aurora
acha irmãos, não tyrannos hostis.

(*) A musica para este hymno, acceito e publicado na columna official do Partido Republicano (Paiz, Outubro de 1888) foi posta em concurso.

Somos todos iguaes! Ao futuro
saberemos, unidos, levar
nosso augusto estandarte que, puro,
brilha, ovante, da Patria no altar!

Liberdade! Liberdade!
abre as azas sobre nós!
Das lutas na tempestade
dá que ouçamos tua voz!

Se é mister que de peitos valentes
haja sangue no nosso pendão,
sangue vivo do heroe Tiradentes
baptizou este audaz pavilhão!
Mensageiros de paz, paz queremos,
é de amor nossa força e poder,
mas da guerra nos transes supremos
heis de ver-nos lutar e vencer!

Liberdade! Liberdade!
abre as azas sobre nós!
Das lutas na tempestade
dá que ouçamos tua voz!

Do Ypyranga é preciso que o brado
seja um grito soberbo de fé!
que o Brazil surja emfim libertado
sobre as purpuras regias de pé!

**Eia, pois, Brasileiros, avante!
verdes louros colhamos louções!
seja o nosso paiz, triumphante,
livre terra de livre irmãos!**

**Liberdade! Liberdade!
abre as azas sobre nós!
Das lutas na tempestade
dá que ouçamos tua voz!**





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).